

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2013 - ANO XXXII, NÚMERO 5

UMA VIDA NO MERCADO PÚBLICO

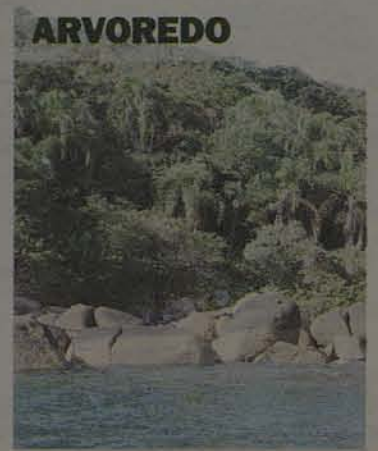
Licitação traz mudanças na capital

ESPECIAL



Passados 200 anos, livros adaptados ainda são difíceis de encontrar

PÁGINA 15



Projeto para transformar reserva em parque divide especialistas

PÁGINA 6

ANGÚSTIA

Falta de dados dificulta a busca por desaparecidos

PÁGINA 3

O desafio de suscitar discussões reflete o papel social do jornalista

Esta edição do Jornal Zero traz uma miscelânea de temas que fazem parte do cotidiano dos futuros jornalistas, autores de cada reportagem, mas também de todos aqueles que terão a oportunidade de folhear as páginas do jornal. Reflexões sociais, ambientais, acadêmicas e até mesmo uma crítica ao trabalho da imprensa fazem parte desta publicação.

Um dos cartões postais de Florianópolis, o Mercado Público está mudando. Há 56 anos fazendo negócios no local, Seu Alvim se despede. Novos comerciantes chegam ao local, após a licitação dos boxes, que ocorreu neste ano. E não são apenas os rostos se renovam. Uma reforma está prevista os próximos meses e a nova cara do Mercado Público também é mostrada na reportagem.

Além do Mercado Público, o leitor é convidado a um passeio pelo Parque Ecológico do Córrego Grande, em Florianópolis, e outro pela Reserva Ecológica Marinha do Arvoredo, área de mais de 17 mil hectares entre

a capital catarinense e Bombinhas. Na reserva, o passeio inclui trilhas íngremes, que passam pela contradição discussão da possibilidade do local se transformar em um parque aberto à visitação pública. O assunto divide opiniões, as quais são exploradas pelo Zero.

Também há espaço para o drama de pessoas que buscam familiares desaparecidos. A reportagem narra a história de pessoas como Lenore, mãe de Joana, que busca por notícias da filha há mais de dois anos, mas também aborda os percalços durante a busca: a inexistência de um cadastro nacional, que reúne informações de todos os desaparecidos. Sobretudo, o tema é tratado como um problema social, que merece ser discutido.

O drama também foi descrito na dificuldade para ex-detentos retornarem ao mercado de trabalho. De um lado, a falta de programas de incentivo e, de outro, as tentativas de reinserção como o 'Estampa Livre', coordenado por um ex-presidiário.

Outra dificuldade abordada é a de deficientes visuais para terem acesso a livros em braille. Enquanto surgem e-books, que se tornaram uma alternativa, os amantes do papel esbarram na demora e no alto custo das publicações impressas. Uma obra clássica da literatura brasileira, Dom Casmurro, de Machado de Assis, tem seis volumes, e o custo de cada exemplar impresso em braille, conforme a reportagem, pode chegar a R\$ 5 mil.

Por outro lado, outras histórias inspiram, como a de empreendedores que iniciaram a carreira em programas universitários e atualmente são referência na área em que atuam e pais que escolhem escolas com formas de ensino alternativas.

Enfim, em cada reportagem, há um pouco de cada repórter, editor e fotógrafo, alunos que também se tornam personagens e participantes das histórias. São, ao mesmo tempo, atores que constroem o próprio conhecimento e experimentam o desafio de suscitar discussões. Boa leitura!

OPINIÃO

ONDE O LEITOR TEM VOZ

Mas será que não seria a hora, também, de colocar o Zero na era da cibercultura? Não vejo as matérias do jornal circulando nas redes sociais por exemplo. Iria dar a ele, no mínimo, maior visibilidade. Além, é claro, de ver como a interação com os leitores o transformaria.

Maurício Frighetto

Participei da produção do Zero no segundo semestre de 2010. Ao acompanhar as edições mais recentes, sinto nostalgia do período e do consequente aprendizado. O jornal cresce e se firma dentro da graduação, trazendo orgulho a quem já contribuiu ao projeto.

Tiago Pereira

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões e comentários

E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo
Centro de Comunicação e Expressão
UFSC - Trindade Florianópolis (SC)
CEP: 88040-900

Achei bacana por ser produto dos acadêmicos. Gostaria de ter mais acesso, pois raramente vejo um ou outro exemplar pelo CCA. As matérias são interessantes. Em uma das edições que li, havia uma entrevista incrível, acabei guardando o jornal pela riqueza de conteúdo da mesma.

Josiane Hannoff Piloni

OMBUDSMAN

ÂNGELO RIBEIRO

Um laboratório para a autocrítica

Zero conta com uma coluna de ombudsman desde 2011, uma inovação introduzida pelos professores Samuel Lima e Rogério Cristofolletti. Neste espaço já escreveram professores e jornalistas com ou sem vínculo com o curso. Todos convidados por serem reconhecidos por sua contribuição profissional e acadêmica ao Jornalismo. Neste semestre, o ombudsman do Zero será uma função exercida pelos próprios professores responsáveis pela disciplina. A ideia surgiu de uma necessidade que não vinha sendo preenchida pela coluna. O que ocorria não pela qualidade ou propriedade das contribuições dos nomes que ocuparam este espaço anteriormente. A necessidade de que se trata aqui é a de podermos cortar na própria carne, apontar os altos e baixos da edição que chega ao leitor a partir da visão de quem acompanhou todo o processo de concepção e produção, e que compartilha das responsabilidades do que é oferecido ao público.

Nesse sentido, o tom da coluna será firme com relação às omissões do Zero e sóbrio ao comentar os acertos e as sacadas da equipe. Um critério será superior aos demais na hora de avaliarmos o material produzido: o fato de o Zero ser um jornal laboratório, um ambiente de experimentação. Um experimento é um procedimento que visa testar métodos, processos, produtos em um ambiente controlado. O jornal laboratório é este ambiente.

O que pretendemos com o Zero é justamente oferecer aos alunos as condições necessárias para que eles testem o que aprenderam em disciplinas, de forma isolada, em uma situação que simula o dia-a-dia de uma redação de um veículo impresso. Para isso, alguns processos e rotinas do Zero também sofreram mudanças significativas em relação aos semestres mais recentes. Uma delas já começou no semestre anterior, quando a pauta passou ser proposta integralmente pelos alunos.

Por questão de justiça aos autores das reportagens e para seguir um dos princípios da atividade do ombudsman, neste espaço, nesta edição, não faremos referência a nenhuma produção específica deste número. Assim, o leitor pode ler e avaliar o material produzido sem nenhum tipo de influência. Mas oferecemos uma breve avaliação dos processos e das formas de produção que foram introduzidas neste número.

Todas as reportagens foram feitas em equipe: um pauteiro/produzidor, um repórter e um editor. Procuramos, dessa forma, reproduzir o que é mais comum no cotidiano das redações. Raramente o repórter tem a oportunidade de escolher a pauta ou de produzir o material de seus sonhos, dedicar-se ao assunto que lhe é mais próximo. Todos os alunos sugeriram pautas, portanto, também, exercerem essa função que é a base de uma boa edição: o pauteiro, aquele que tem a primeira preocupação com o que o jornal irá oferecer ao seu leitor.

Após a definição das pautas que seriam levadas adiante, formaram-se as equipes, com repórteres e editores que se dividiram nas tarefas que cabiam a cada função, sempre tendo em mente a produção de um conteúdo uniforme. O passo final foi o editor e o diagramador definirem os desenhos das páginas, pensando as fotos e demais elementos gráficos.

O resultado desse esforço conjunto está nas mãos do leitor. A avaliação dos processos e os destaques da edição, positivos e negativos, serão tratados com profundidade no próximo número, até lá.

Ângelo Ribeiro, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e responsável editorial pelo jornal laboratório Zero.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXXII - Nº 5 - Setembro de 2013 **REPORTAGEM** Ana Luísa Funchal, Andressa Prates, Artur Felipe Figueira, Bárbara Cardozo, Beatriz Carrer, Bruna Andrade, Daniel Lemes, Emanuelle Nunes, Fernanda Costa, Flávio Crispim, Iuri Barcellos, Jéssica Sant'Ana, João Paulo Fernandes, Karine Lucinda, Luiza Lobo, Maria Luiza Buriham, Marianne Ternes, Marília Quezado, Natália Pilati, Natália Porto, Patrícia Cim, Patrícia Pamplona, Patrícia Siqueira, Ricardo Pessetti, Rosângela Menezes, Sophia Rischbieter, Taynara Macedo, Thaís Jordão, Vanessa Farias **EDIÇÃO** Ana Carolina Cerqueira, Ana Luísa Funchal, Flávio Crispim, João Paulo Fernandes, Julia Lindner, Lilian Koyama, Mariana Petry, Natália Pilati, Nicolás Quadro, Patrícia Siqueira, Stefanie Damázio, Thayse Stein **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Ângelo Augusto Ribeiro, Géssica Valentini, Lucio Baggio **MONITORIA** Ana Paula Mendes, Julia Ayres **IMPRESSÃO** Gráfica Grafinoorte **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 25 de setembro

Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOGOM 1994

Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

Desaparecidos

A busca incessante por familiares

Santa Catarina quer criar cadastro único para integrar os dados das polícias civil e militar

Joana Xavier de Souza Lisboa desapareceu em um domingo, dia 13 de março de 2011, aos 33 anos, depois que fugiu da casa de repouso Pensão Protegida Horizonte Aberto, no bairro Canasvieiras, em Florianópolis. Saiu apenas com a roupa do corpo, sozinha e sem documentos. Sua família não a vê desde então. O boletim de ocorrência foi realizado na 7ª Delegacia de Polícia da capital e o caso é um dos 3.306 que permanecem abertos nos arquivos da Polícia Civil de Santa Catarina.

A mãe de Joana, Lenore Xavier, é professora da rede municipal de ensino de Florianópolis há oito anos, e há dez anos vive no bairro Santinho. Ela conta que já havia internado a filha duas vezes em clínicas psiquiátricas em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, — sua cidade natal. “Joana apresentava sinais de depressão desde os dezoito anos, não estudava, nem trabalhava e, desde 2007, passava os dias no quarto, falava pouco”, revela. Seu caso entra, também, nos dados computados pela Polícia Militar, que registraram 18.773 casos de pessoas desaparecidas em Santa Catarina, no período de 2005 a 2011. Destes, 42,7% foram de crianças e adolescentes, 41,7% de homens e 15,6% de mulheres.

Mesmo assim, medidas já estão sendo tomadas pelo poder público estadual para que os casos de pessoas desaparecidas sejam solucionados. Em 2012, foi criado o programa SOS Desaparecidos pela Polícia Militar, idealizado pelo major Marcus Roberto Claudino. Ele conta que escrevia uma tese sobre pessoas desaparecidas para a pós-graduação que realizou em Administração de Segurança e acabou se envolvendo com o assunto. “Criamos o Grupo de Familiares e Amigos de Desaparecidos Catarinenses em 2011. Esse trabalho era voluntário e não tinha ligação com a Polícia Militar. Eu tinha vários outros projetos, dentre eles, o de fazer uma força tarefa” diz. A PM/SC criou, então, a Coordenadoria de Pessoas Desaparecidas, que foi instituída pelo governador Raimundo Colombo, em 24 de outubro de 2012, tornando-se referência no Brasil por ser a única corporação militar a ter um grupo dedicado exclusivamente ao assunto.

Lenore Xavier ainda recebe diversas ligações em que pessoas re-



Todas as semanas, familiares de pessoas desaparecidas se reúnem na Praça da Alfândega, no centro da capital, à procura de respostas

latam falsamente terem encontrado Joana. A Polícia Civil, mesmo tendo realizado o boletim de ocorrência, não tem pessoal suficiente na corporação para investigar o caso, nem todos os outros que surgem em Santa Catarina. Para resolver esse problema, será aberta, no dia 24 de setembro de 2013, a primeira delegacia especializada em desaparecidos do estado, anexa à Delegacia de Proteção da Criança, Adolescente, Mulher e Idoso, no bairro Kobrasol, em São José. Quem assume o comando é o delegado Wanderley Redondo que, dentre as propostas para o novo trabalho, pretende fazer a “identificação de cadáveres indigentes no Instituto Médio Legal (IML) e criar um banco de dados único para o estado”. Além desta, outras duas delegacias especializadas funcionam no Brasil: em Minas Gerais e no Paraná. É no SICRIDE (Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas), da Polícia

Os telefones 181 e 190 recebem informações sobre pessoas desaparecidas

Civil paranaense, que são feitas as progressões e envelhecimentos digitais de crianças desaparecidas anos atrás.

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), em parceria com a Rede Nacional de Identificação e



Leonore Xavier recebe diversas ligações sobre o paradeiro de sua filha, Joana, desaparecida há 2 anos

Localização de Crianças e Adolescentes Desaparecidos (ReDESAP), criou, em 2010, o Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos. Ele conta, hoje, com 305 casos cadastrados, sendo que, destes, apenas quatro são de Santa Catarina. O estado que possui o maior número de casos é o Rio de Janeiro, com 114 crianças cadastradas. O Cadastro, no entanto, é desatualizado e não contempla toda a Federação, pois recebe informações de somente 16 estados e do Distrito Federal.

O principal problema, entretanto, relaciona-se aos casos já cadastrados pelas Polícias Civil e Militar e no Cadastro Nacional, cujos dados são desintegrados e desatualizados. Para Gerson Rumayor, presidente da ONG Portal da Esperança, a confluência entre todos os cadastros é fundamental na tentativa de solucionar os ca-

Localização de Crianças e Adolescentes Desaparecidos. Segundo ele, a grande maioria dos casos acontece por fuga, motivada, principalmente, por conflitos familiares. “O que nos falta é um trabalho sério de prevenção nas escolas. Eu já tentei fazê-lo, mas não obtive apoio para continuar o projeto”, diz. Ele conta, ainda, que a maior preocupação se dá com os casos em que ocorre o rapto da vítima, pois muitos deles estão relacionados com o tráfico internacional de pessoas e com o tráfico de drogas. “Me preocupo com os riscos que sofrem crianças e adolescentes que são aliciadas e fogem de casa. Há muitos casos que não são anunciados; crianças desaparecem e nunca são encontradas”, afirma.

Rumayor ainda aponta a Assembleia Legislativa de Santa Catarina como a única no Brasil a tratar do tema, porém, sempre que

muda a presidência da Casa, seu trabalho recomeça na tentativa de criação de políticas públicas no Estado. Atualmente, há dois projetos em tramitação nas comissões da ALESC: o primeiro dispõe sobre a exibição de fotos de crianças e adolescentes desaparecidos nas salas de cinema do Estado; e o segundo trata da criação do Dia da criança e do adolescentes desaparecidos no dia 25 de maio, ambos de autoria do deputado Serafim Venzon (PSDB/SC).

Mesmo com todas as medidas que já estão sendo feitas para tentar solucionar efetivamente os casos de pessoas desaparecidas, Lenore ainda espera ter notícias de sua filha. “Eu só quero que ela esteja bem, mesmo que ela não volte para casa”.

Flávio Toassi Crispim
flaviotoassi@gmail.com

Fantasia real

Literatura e a arte de imitar a vida

Autores comentam a relação entre o mundo real e a representação ficcional no cotidiano

Uma das dificuldades de pensar, definir e classificar a literatura é pensá-la em termos binômios. O bem e o mal, o certo e o errado, a vida real e a fantasia. Nela, não são apenas dois caminhos possíveis, um a favor, outro contra, um de ida, outro de volta. Mas sim, inúmeros, que podem se afastar, cruzar-se em determinado ponto, encontrarem-se para seguir uma mesma direção ou se chocarem.

Para discutir os efeitos da literatura no cotidiano das pessoas, nesta edição, o ZERO conversa com quatro pessoas que vivem diretamente dela ou da reflexão sobre o ofício literário: João Nilson

Alencar, Raul Antelo, Maicon Tenfen e Carlos Schroeder. Para eles, fizemos alguns questionamentos: Em que momento a vida real se confunde com a literatura? Qual a principal função? Como ultrapassar a fronteira entre uma e outra? Qual a importância de se provocar uma nova maneira de ver (ler) o mundo?

Com as repostas, o ZERO buscou encontrar as possíveis (in)definições do mundo real. Sabendo, anteriormente, que poderia suscitar muito mais dúvidas do que certezas. As respostas dos quatro entrevistados atestam isto: a literatura é, aí sim, definitivamente, uma experiência individual.

Quem é quem



Carlos Schroeder é cronista fixo - escreve todos os sábados - dos jornais, *A Notícia* e *O Correio do Povo*. Entre seus livros mais conhecidos estão *A rosa verde* e *Ensaio do Vazio*. Em 2010, recebeu o Prêmio Clarice Lispector de Literatura, como melhor livro de contos do ano, por *As certezas e as palavras*.

Raul Antelo é professor, escritor e crítico literário. Leciona as disciplinas Literatura Brasileira Contemporânea e Teoria Literária na UFSC. Ganhou, em 2010, o prêmio Destaque Pesquisador UFSC 50 Anos. É autor de vários livros, dentre eles, *Transgressão & Modernidade*, *Potências da imagem*, *Crítica acéfala*, *Ausências* e *Maria com Marcel. Duchamp nos trópicos*.



Maicon Tenfen escreve crônicas semanais para o *Diário Catarinense* e crônicas diárias para o *Jornal de Santa Catarina*. Entre as suas obras mais conhecidas estão os livros de crônicas *Mania de Grandeza* e *A culpa é do Mordomo*. Por duas vezes recebeu o primeiro lugar no Concurso Nacional de Contos Paulo Leminski.

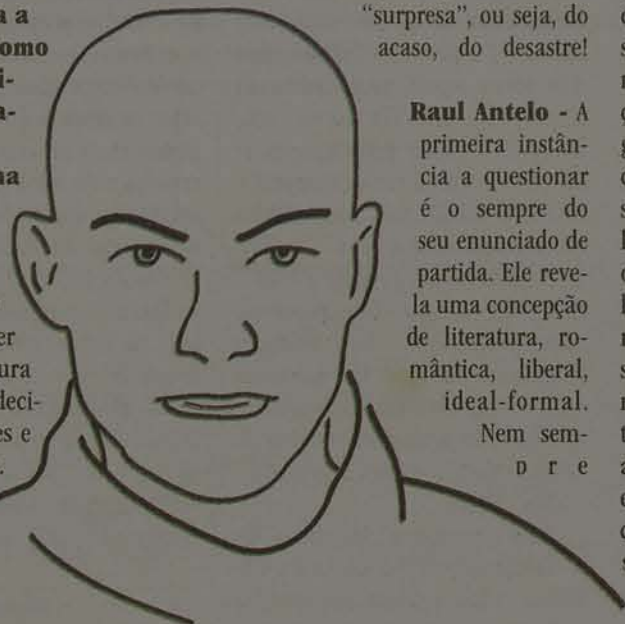


João Nilson Alencar é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio de Aplicação da UFSC. Terminou há pouco tempo seu projeto de Pós-Doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre o arquivo do escritor Murilo Rubião, no Acervo dos Escritores Mineiros.



A literatura quase sempre seguiu o seu caminho da seguinte maneira: um ou vários acontecimentos da vida do autor, das pessoas que estavam a sua volta ou de algum fato que o tenha chamado atenção para a literatura. Como existe o caminho da literatura para a vida cotidiana do leitor?

João Nilson Alencar - Poderia dizer que a literatura é movida por decisões, afirmações e por desastres. A vida



também é ficcional, portanto não há como separar totalmente escritor-vida-leitor. Estão conectados. O que ocorre é que há "obras" planejadas, racionalmente calculadas. Mas que, não raro das vezes, se deixam incorporar por elementos "surpresa", ou seja, do acaso, do desastre!

Raul Antelo - A primeira instância a questionar é o sempre do seu enunciado de partida. Ele revela uma concepção de literatura, romântica, liberal, ideal-formal. Nem sempre

aquilo que chamamos de literatura foi isso. Senão ficariam de fora as tragédias gregas e sua relação com os rituais de culpa e expiação; a poesia e sua conexão com os mistérios, de Delfos a Lezama Lima passando por Rilke; a narrativa e seu papel cosmogônico, de Dante a Arguedas, sem esquecer tradições orais pelo mundo afora. Uma das impugnações (1929! Quase um século!) do grupo de Bataille às concepções costumeiras residia justamente nisso: a literatura é o mal, aquilo que lida com o fragmentário, elusivo, obscuro, enigmático. Não é acumulação: é dispêndio. Não é cálculo e racionalidade: é êxtase. Aí entram João da Cruz, Lautréamont, ou mesmo Raul Pompeia. Experimente ler Leminski sob esse prisma. É algo a mais do que um poeta leve e engraçado. A literatura não lida com a imitação, mas com a representação, porém, em todos os seus sentidos, até mesmo no político, que é, aliás, impossível. É uma

representação, não necessariamente mimética, por meio da qual as imagens e os signos montam um teatro de sombras, o que configura uma repetição, uma encenação atravessada pelo mimetismo, mas não necessariamente pela mimese.

Passar por maus momentos faz parte. A vida não é só laranja doce. Tem o limão

João Nilson Alencar

Maicon Tenfen - A ideia de um autor se basear em fatos da própria vida parece meio ultrapassada hoje em dia, embora isso seja inevitável e, no mais das vezes, bastante produtivo. O caminho inverso é que está valendo, ou seja, você se basear em outras obras para escrever o seu

próprio conto, o seu próprio romance. É por isso que hoje impera a dialógica textual nos produtos culturais, não só nos livros, mas também nos filmes, nas músicas, nos games. **Carlos Schroeder** - Existe, e como. Um autor pode ter uma epifania lendo um livro ou mesmo escrevendo um livro. E este é o grande trunfo da literatura, transportar o leitor ou o escritor para outro lugar. Um livro como "Carlota Fainberg" do Muñoz Molina fez com que eu desistisse de uma carreira acadêmica, por exemplo. Nós somos a soma das nossas referências, somos tocados por todos os produtos culturais que consumimos ou criamos. Então, sim, a literatura interfere na vida das pessoas que resolvem atravessá-la.

Qual a função da literatura? É a de exercer este impacto, essa chacoalhada, na vida do leitor?



Carlos Schroeder - Toda literatura é de alguma maneira memória, a memória pela palavra. Gosto muito de um livro do Julian Barnes, intitulado "O sentido de um fim", em que a memória é uma névoa, que engana o próprio narrador. Bom, há cenas de livros que são tão vívidas em minha memória, tão ou mais do que coisas que aconteceram comigo. A maça incrustada nas costas de

Gregor Samsa, o sofrimento dos personagens em "Não me abandone jamais", o terrível uísque de "Fup", do Jim Dodge, a desolação em "Desonra", do Coetzee. Enfim, não importa se a experiência é real ou literária, depois que aconteceu,

Nenhum autor que tenha juízo pretende difundir qualquer forma de verdade. O leitor que se vire para encontrar a sua

Maicon Tenfen

ou que você leu, será memória, o mesmo peso, a mesma medida.

A estética, a perfeição da literatura como obra, é capaz de criar uma realidade distinta da vida das pessoas, que passam a querer viver como a personagem que leu em algum livro?

João Nilson Alencar - A literatura é um ponto de cruzamento, mas também de "esvaziamento". Na fabulação mencionada anteriormente, não só vivemos ou tras vidas, como fabulamos (não é separado o conceito) a nossa própria. Assim, passar por "maus momentos" também faz parte. A vida não é só laranja doce. Tem o limão também. O tema é interessante para pensar a literatura considerada por determinado cânone de uma época como "má" ou "boa". Apesar de termos avançado bastante, a tensão existe.

Raul Antelo - A estética não cuida da perfeição. Cuida da aisthesis, da sensibilidade, do contato e do contágio. E a lógica do trauma bem pode ser um atalho, mesmo que indesejado, para a reiteração

da violência. O século XX, muitas vezes definido como uma época de violência, decantou a própria memória do Holocausto como um paradigma dessa violência, uma categoria analítica que interpreta toda a história do passado como um confronto binário entre carrascos e vítimas, esquecendo a lição baudelairiana do heautontimoroumenos, o castigador de si próprio. Ao adotar esse alibi, a violência permanece inexplicada, porém, estigmatizada para, com perspectiva apolo-gética, legitimar a ordem política e econômica, de tal sorte que a sociedade de mercado e a democracia liberal, como impolutas antíteses do totalitarismo, seriam as nossas únicas tábuas de salvação. Não compartilho esse argumento.

Madame Bovary, de Gustave Flaubert, traz a angústia de Emma, que não conseguiu viver a vida que encontrava nos livros. A literatura cria modelos para serem imitados ou é somente o espelho da vida?

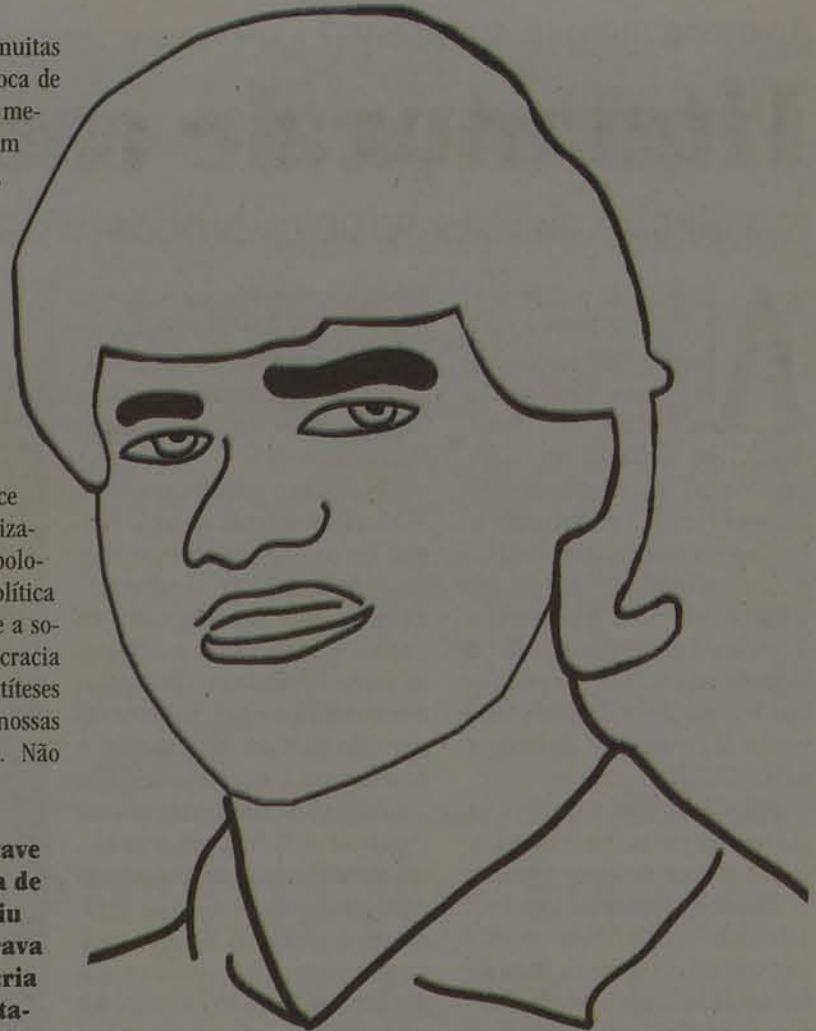
Maicon Tenfen - Flaubert faz uma crítica raivosa à literatura romântica. Para ele, esta foi a perdição de Emma, alguém que não soube separar os sonhos plantados em sua mente pelos romances da realidade pedestre de se viver numa pequena cidade da França do século XIX. Por outro lado, podemos ler a "crítica" de Flaubert como um canto de louvor ao poder da arte na vida das pessoas. Nesse sentido, Emma não seria uma vítima, mas uma espécie de heroína rebelde que se atreve a acreditar nas suas fantasias mais profundas.

O ser humano cria esperanças a partir do que encontra na literatura?

Carlos Schroeder - Acho que não, depois que li Camus, Kafka e Dostoiévski, eu perdi as esperanças na humanidade [risos].

Como a literatura busca explicar os fatos da vida por meio dos olhos e da percepção dos autores?

João Nilson Alencar - Tão importante quanto ver a vida em uma tela (pintura, TV, ou um muro) é acompanhar os fatos "explicados" por um autor. Na verdade, a literatura não responde pontualmente por uma verdade "universal". Ela é livre para seguir seu caminho. Importa que seja "verossí-



mil". O desafio e a beleza da vida, vista pela literatura, é que a arte de "montar" e "desmontar" os fatos é mais fascinante com ela.

Há algo que revele o poder da metalinguagem na mudança de comportamento das pessoas após a leitura de alguma obra?

Raul Antelo - Posso inverter a questão e dizer: há inúmeros exemplos de sensibilidade anestesiada e insensível aos agenciamentos de linguagem. Tantos quantos leitores da mídia houver.

As verdades do autor servem também para os leitores? Quem é o verdadeiro dono

dessa verdade?

Maicon Tenfen - Nenhum autor que tenha juízo pretende difundir qualquer forma de verdade. Só o pessoal da autoajuda gosta de fazer isso. Os literatos problematizam a vida e a sociedade através de personagens, de situações hipotéticas, de decisões narrativas. Quanto à verdade, cada leitor que se vire para encontrar a sua.

Carlos Schroeder - Ninguém, e esta é a magia da literatura, o leitor não vai perceber o texto da mesma forma que o escritor, e isso é ótimo, múltiplas percepções são sempre uma porta aberta.

João Nilson Alencar - Não há donos da verdade.



Ricardo Pessetti
ricardo@pessetti.com

Crédito de arte: Luiza Lobo

Arvoredo: parque ou reserva?

Mudança de categoria gera conflito

População discute terceira proposta da criação do parque nacional no litoral catarinense

A proposta do projeto de lei 4.198/12 é transformar a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, localizada entre Florianópolis e Bombinhas, a 11km da Capital, em um parque nacional. Isso significa permitir a visitação pública de uma área de 17.600 hectares, composta pelas ilhas de Galés, Arvoredo e Deserta e pelo Calhau de São Pedro. Atualmente, as visitas só são permitidas para fins de educação ambiental e de pesquisa, com autorização do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Planos para fazer da reserva um parque nacional já foram oficializados em projetos de lei que tramitam na Câmara dos Deputados desde 1997. A discussão retomou fôlego em 2012, com uma terceira proposta. Desta vez, dos deputados Rogério Peninha Mendonça (PMDB/SC) e Espiridião Amin (PP/SC). Mas um consenso parece muito distante.

“A liberação para parque, como você, por exemplo, tem em Fernando de Noronha e Abrolhos, garante cuidados. Na região do Arvoredo, falta fiscalização, e a presença humana vai inibir atividades ilegais, como a pesca”, argumenta a mergulhadora Cibele Sanches.

“A visitação pública não inibe a pesca”, rebate o analista ambiental do ICMBio Leandro Zago Silva. “Essa atividade acontece, normalmente, no inverno e no período da noite, en-

quanto o turismo é durante o dia e no verão”. Para a atividade de fiscalização na Reserva do Arvoredo, o ICMBio conta com cinco servidores, embora, na avaliação do analista, seja necessário pelo menos 15.

Do território marinho brasileiro, 0,14% são de áreas de proteção integral, que envolvem dois parques (Fernando de Noronha, PE; Abrolhos, BA) e duas reservas (Arvoredo e Atol das Rocas – localizada entre Rio Grande do Norte e Pernambuco). Em 2012, o Brasil assinou, na Convenção da Diversidade Biológica, o compromisso de aumentar a área de proteção ao mínimo de 10%, mas o prazo foi prorrogado até 2020. “Um grande problema que nós temos no Brasil é que não existe uma rede nacional de áreas marinhas protegidas. É muito complicado recategorizar qualquer um dos parques, ou qualquer uma das reservas, porque não existem outras para compensar”, defende o professor de ecologia da UFSC Alberto Lindner.

O coautor do projeto de lei, deputado federal Espiridião Amin (PP/SC), defende, com a criação do parque, o estudo de uma atividade econômica preservacionista. “É possível, sim. Aquela área é um tesouro. E é um tesouro que nós podemos visitar dentro de certas regras, dentro de um plano de manejo, para que possamos ter alguma atividade humana controlada e também com chamamento turístico. Ou só no parque Fernando de Noronha é que pode haver uma atividade

Renata Bussani/cédula para o ZERO



Desde 1997, já foram oficializados projetos de lei para recategorização da área de 17.600 hectares

preservacionista?”.

“Eu não considero Fernando de Noronha um parque bem sucedido”, contraria a professora de ecologia da UFSC Andrea Santarosa Freire, que realizou, no arquipélago, uma pesquisa com caranguejos em três áreas: onde os turistas frequentam, onde é pouco visitado, e onde o aces-

so é restrito. A pesquisadora observou que, de um local ao outro, há uma diferença significativa na abundância, no tamanho e na efetividade de reprodução da espécie. “Fernando de Noronha parece bonito para o turista que vai lá por uma semana. Mas pra quem trabalha ou mora no local, o parque tem muitos, muitos, muitos

problemas: de lixo e excesso de população. Se em Noronha, que é uma ilha muito grande, o turista já causa um impacto que é fácil de ver, imagina no Arvoredo, que é muito menor”, completa Andrea Freire.

Felipe Figueira
titon.felipe@gmail.com



Marcelo Krause/Reprodução

Reserva do Arvoredo abriga 36 espécies ameaçadas de extinção

Ecoturismo *versus* preservação

A Reserva do Arvoredo é a unidade de conservação marinha do Brasil que mais abriga espécies ameaçadas de extinção: são 36 das 1.400 espécies catalogadas. Pela importância de sua biodiversidade, a região foi transformada em reserva em 1990, através de um decreto assinado pelo então presidente José Sarney. A pesca é proibida em toda a região e a prática de mergulho só é permitida na área sul da reserva.

O pescador Anatório Filho, morador de Bombinhas, é a favor da criação do parque. “Se eu não posso pescar nessa área, quero, pelo menos, ancorar o barco, para escapar do mau tempo, até acalmar o vento”.

Durante uma visita a Bombinhas, o ZERO conversou com praticantes de mergulho em um dos dias de operação. “Hoje mesmo, a

gente viu diversos barcos fazendo pesca. E não foi a primeira vez. Infelizmente, é muito comum tanto a caça quanto a pesca dentro da reserva”, relatou a mergulhadora Cibele Sanches.

O conflito de interesses também envolve empreiteiros e empresários do setor de hotelaria. A transformação do Arvoredo em parque implica na construção de trapiches. Pesquisadores da UFSC, porém, defendem que a atividade humana provoca desequilíbrio ambiental, ameaçando, inclusive, a reprodução de espécies de importância econômica, como é o caso das lulas e de alguns peixes que são alvo da pesca artesanal.

“A luta legítima dos políticos, ou de certos grupos de empresários, caso tivessem mais informações científicas, deveria ser por

uma campanha para que nós conseguíssemos colocar outras ilhas e outras áreas costeiras como áreas de preservação, e essas, sim, onde a população e as empresas de mergulho pudessem acessar”, defende o professor de botânica da UFSC Leonardo Rubi Rorig.

O biólogo e curador de um museu marinho, Luís Martins da Silva, mora há 30 anos em Bombinhas e acompanha, há 23 – época em que foi criada a reserva –, o conflito de interesses. “Pior é do jeito que está hoje, todo mundo insatisfeito. A gente vê, infelizmente, atividade de pesca nas ilhas, a gente vê o pessoal mergulhando em locais que não é permitido, e a fiscalização é muito difícil. O melhor jeito é discutir uma divisão da área, para agradar o ambientalista, o lobby turístico e também os pescadores.” (F.F.)

Natureza e diversão



Espaço de 21,3 hectares, reúne quadras para prática de esportes, pistas de caminhada, parque infantil, academia ao ar livre, mesas para piquenique entre outras atividades

Parque ecológico é opção de lazer

Localizado próximo à UFSC, área no Córrego Grande atrai até 850 pessoas por semana



Visitantes encontram várias espécies de animais durante o passeio

CONHEÇA O PARQUE

O Parque Ecológico do Córrego Grande é uma área verde de 21,3 hectares, entre os bairros Córrego Grande e Santa Mônica. O local funciona todos os dias, das 7h às 18h. Como ambiente de educação ambiental, o Parque tem um projeto chamado Família Casca, que recebe óleo de cozinha usado e transforma em sabão e biodiesel. O projeto também reutiliza resíduos orgânicos para a compostagem feita dentro do parque.

Até os primeiros anos do século passado, a área do parque era uma chácara para produção de leite, cuja vegetação era composta por capim. Na década de 1940, o governo fez da área uma base para reflorestamento com pinus e eucaliptos. Porém, a partir de 1991, essas árvores foram sendo gradativamente substituídas por espécies nativas.

Em 1994 foi criado o Parque Ecológico do Córrego Grande, a partir de uma aliança entre Ibama, Prefeitura Municipal de Florianópolis e Comcap (Companhia de Melhoramentos da Capital), mas foi interditado em 29 de setembro do mesmo ano, quando a queda de uma árvore dentro do Parque matou duas pessoas: um pai e seu filho.

O novo Parque Ecológico do Córrego Grande foi reaberto definitivamente à comunidade no dia 3 de dezembro de 2001, depois de sete anos interditado para visitação. No ano de 2002, o Parque recebeu o nome de Parque Ecológico Municipal Professor João David Ferreira Lima, o qual permanece até hoje.

O que mais chama atenção de quem visita o Parque Ecológico do Córrego Grande, em Florianópolis, pela primeira vez é a diversidade. Não só de plantas e animais, mas também de pessoas. Duas mulheres do Movimento Hare Krishna, um casal com um bebê, crianças correndo, idosos praticando exercícios físicos e uma mulher correndo por uma das trilhas principais do parque é o que pode ser visto em uma manhã de sol. Oficialmente chamado de Parque Ecológico Municipal Professor David Ferreira Lima, o ambiente é cercado por mata nativa e possui quadras de futebol e vôlei de areia, pistas de caminhada, academia ao ar livre, área verde, palco coberto, parque infantil, mesas para piquenique e muitos animais.

Normalmente, o Parque é frequentado por famílias, pessoas que buscam estar junto à natureza, praticar atividades físicas ao ar livre e caminhadas. Durante a semana, o local recebe de 60 a 80 pessoas por dia. Nos fins de semana, são mais de 500 pessoas que frequentam o ambiente. As principais atrações para as crianças são os animais e o parquinho, que conta com balanço, escorregador, cordas e pneus. Os adultos vêm em busca de um ambiente tranquilo, seguro e em contato com a mata.

Amrtananda Devidase e Kalyana Kishori costumam visitar o parque todos os dias para fazer suas orações e cantar o mantra Hare Krishna. Com uma espécie de rosário na mão, denominado japa-mala, feito de 108 contas de madeira, Amrtananda diz que “to-

dos os seres vivos são almas espirituais e precisamos viver em harmonia com o mundo. É por isso que viemos aqui. Estar aqui é estar em sintonia com a natureza e com os animais”, afirma ela.

Foram os animais que mais inte-

Movimento do parque ecológico é cerca de dez vezes maior nos fins de semana

ressaram os 35 alunos da Creche Municipal Doralice Teodora Bastos que visitaram o Parque na quarta-feira, 11 de setembro. Entre gritos de “Olha lá o jacaré!” ou “Prof. deixa eu ir ver o coelhinho?”, frases repetidas pelas crianças, sete professoras se dividiam para cuidar da turma. Enquanto segurava firme a mão de um menino na grade que cerca o espaço do jacaré, a professora Gisele Abreu Guilherme diz que “dá trabalho trazer eles aqui por causa da correria, mas vale a pena, principalmente porque eles conseguem entender melhor os animais que estudam em sala de aula”. As espécies mais comuns no ambiente são tartarugas, cágados, coelhos, jacaré, saguis, patos, gansos, galos e galinhas.

As aulas de yoga também são um bom atrativo para quem procura o parque para estar em sintonia com a natureza. Entre pequenas trilhas e imitações de animais com os movimentos do yoga, os alunos acabam relaxando. Rozelene Soares aproveitou

a quarta-feira de sol para experimentar a aula pela primeira vez e gostou. “Eu tenho uma vida muito sedentária, passo quase todos os dias em casa, então vim aqui porque acredito que a natureza é um bom lugar para estar. Com certeza na quarta-feira que vem eu volto.” No final da aula, cada novo aluno recebe uma semente da árvore Guarapuvu, árvore símbolo de Florianópolis, além de instruções de como plantar e cuidar da espécie.

A instrutora Mônica Sant’Ana dá aulas gratuitas no Parque desde 2006, por iniciativa própria. “Eu propus à administração e eles aceitaram, mas não recebo nenhum tipo de incentivo”, diz. Os gastos com material são provenientes da Associação EcoCultural Córrego Grande, formada pela professora e qualquer aluno que se interesse e queira contribuir com R\$ 20 por mês.

Carlos Lorenzo e Maria de Fátima são de São Paulo e estão na Ilha para visitar a filha. Ouviram falar do Parque, aproveitaram para conhecer e adoraram. “É um lugar ótimo para relaxar, desde que chegamos, há cinco dias, estamos vindo sempre para dar uma caminhada e tirar fotos dos animais”, conta o marido.

Carlos Dagoberto mora em Florianópolis e frequenta o Parque há anos, mas é a primeira vez que trouxe a neta, Alice. “Eu quero que ela cresça aprendendo a importância de preservar a natureza. É uma pena que existam tão poucos lugares como esse”, argumenta ele.

Beatriz Carrer
beacarre@gmail.com

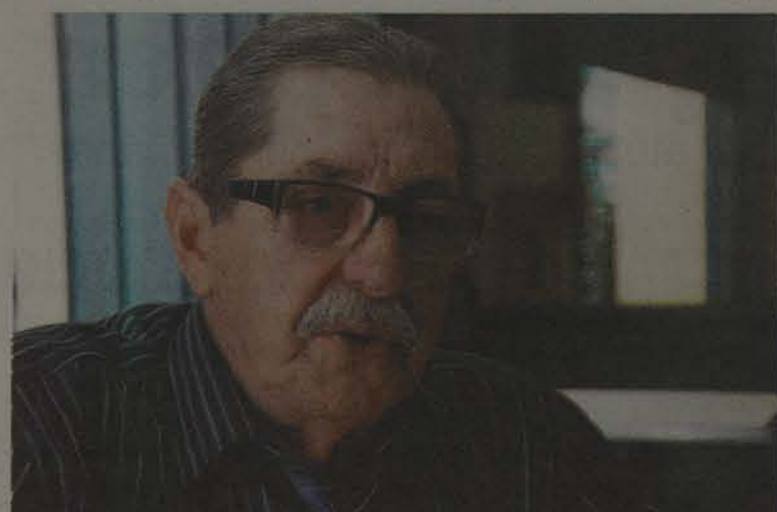
Revitalização

Histórias de uma vida inteira

Mercado Público de Florianópolis passa por processo licitatório que promove mudanças nos boxes



Marcelo Jacques comemora permanência da peixaria que herdou do pai



Seu Alvim despede-se do bar após 56 anos de dedicação à clientela



Ilustração mostra como vai ficar o vão central do mercado após reforma

Alvim Nelson Fernandes da Luz tem 71 anos, dos quais 56 foram dedicados ao Mercado Público de Florianópolis. Ilhéu, de sotaque arrastado, típico da ilha e de fala mansa, explica com detalhes a história no primeiro box, um dos espaços mais frequentados do Mercado. Seu Alvim, como prefere ser chamado, senta-se à mesa, olha para o lado e diz: “Antes aqui não tinha mendicância. A água batia nesse ferro [aponta para a esquina ao lado da mesa em que estávamos] naquela caixa. Jogava a linha e pegava o peixe direto do fundo do mar”, relembra Luz.

O cabelo branco, os óculos no rosto e a lucidez com que lembra das histórias, demonstram o carinho que o senhor tem pelo local. Localizado na esquina do Largo da Alfândega, o bar do Alvim é famoso pelos petiscos e tardes de sábado agitados em que reúne amigos, casais apaixonados e boêmios que buscam naquela esquina um lugar agradável para papear e tomar uma boa cerveja.

Alvim chegou ao Mercado Público em 1957. Seu pai tinha um armazém na Rua 7 de setembro e lá o ajudava. Natural de Lauro Muller, na Serra do Rio do Rastro, a família se mudou para a Ilha de Santa Catarina buscar uma melhor situação de vida e, a convite do tio, foi lavador de carros em uma oficina da Rua Bocaiúva, em 1949.

De toda a história, o senhor que já serviu e conversou com milhares de fregueses, se emociona ao falar em deixar o Mercado Público. “Ajudo a atender, a manobrar a cozinha, em tudo o que precisa. Atendo clientes e não paro. Tenho que me movimentar”, diz, emocionado. “Vou sentir falta disso. Vou sentir muita falta desse clima, de tudo. É uma vida aqui, não é só um dia não!”,

“Vou sentir muita falta desse clima, de tudo. É uma vida aqui, não é só um dia, não!”

Alvim Luz

complementa, com os olhos cheios de lágrimas.

O bar do Alvim não conseguiu vencer o processo de licitação dos novos boxes do Mercado Público. Agora, o box 1 será administrado pela Floripa Pão, que ofertou R\$ 508 mil e ficou com o ponto.

Desde 2010, após uma série de brigas judiciais, uma nova licitação com reformulação dos boxes está em processo de finalização. O lance mínimo para conseguir um box foi de R\$ 800 para o metro quadrado, com uso de 15 anos, prorrogáveis por mais 15. De acordo com a Secretaria de Administração da Prefeitura, a obra deve ser concluída em 2014.

O Mercado Público é uma cidade dentro de Florianópolis. Duas alas o compõem: Norte, com 51 lojas, a maioria loja de calçados, e Sul, com 27 lojas: 13 peixarias, oito bares, duas lojas de artesanatos, duas cafeterias, dois açougues e uma loja de camping e pesca. Contando com as lojas do vão central, o centenário mercado possui um total de 114 boxes.

A realidade do famoso Box 32, outro ponto tradicional do Mercado Público, é diferente. Situado quase ao lado do box 1, o local é famoso pelo atendimento diferenciado, pela cachaça artesanal e pelo pastel de berbigão, comida típica da Ilha. Quem frequenta o bar, também pode ver fotos de Beto Barreiros, dono do estabelecimento, ao lado

do ex-presidente Lula, Mário Prata, Jamelão, Luiz Fernando Veríssimo, Brizola, Martinho da Vila, Galvão Bueno, entre outras celebridades que estão emolduradas no balcão do estabelecimento.

O box 32 conseguiu vencer o processo de licitação e continuará no mesmo local. Para Beto Barreiros, com a reforma, o espaço ficará interessante e com melhores condições. “Não vejo a hora desse momento acontecer. Faz parte da cadeia democrática da economia o crescimento”, diz o empresário. Barreiros afirma que muitos estão no Mercado e não fazem obras necessárias para as mudanças estruturais. “É preciso mudar como um todo. Isso é bom. A revitalização trará melhoria para a história do Mercado Público”, ressalta Barreiros.

A peixaria do Chico também é um ponto comercial que conseguiu permanecer. Marcelo Jacques, de 43 anos, o filho mais velho fundador, assumiu o negócio após a morte do pai, Seu Chico. Recolhendo a mercadoria que acabara de descer do caminhão, Marcelo diz que tem orgulho de ter herdado o estabelecimento e diz que ficará somente com um box após a licitação. “Conseguimos ficar. Agora é seguir e fazer com que a história do Mercado Público continue. Revitalizada e como cartão postal da cidade”, ressalta o comerciante.

Na ala Norte, Mário Vargas, 71 anos, 40 dedicados ao trabalho no Mercado Público, não conseguiu continuar. O comerciante trabalha na região desde a década de 50. “Não consegui continuar e não concorre ao processo de licitação. Vou sair daqui, vou me aposentar e tentar montar um negócio no meu bairro”, diz Valga. Com detalhes explica: “Agora é seguir a vida. Vou descansar, fazer o quê?”, questiona o comerciante.

Sempre muito procurada, a Ala Sul reúne empórios, peixarias, bares e restaurantes. Sempre há pessoas à procura de peixe fresco ou de alguma especiaria que naturalmente pode ser encontrada dentro do Mercado Público. Procurando anchova fresca, a engenheira Jussara Senise, 49 anos, acredita que a revitalização do Mercado Público é de fundamental para a população. “É um ponto histórico e turístico que deve ser revitalizado. As instalações, o piso, a estrutura e a visão geral devem ser melhoradas”, diz Senise.

À procura de camarão e peixe fresco, a professora Janete Jorge, 35 anos, sempre que pode, vai ao Mercado Público procurar especiarias que diz que só encontra por lá. “Acho o Mercado Público bem a cara de Florianópolis. Estamos em uma cidade de litoral, nossa culinária tem uma variedade de peixes, frutos do mar. Então é bem importante ter um espaço que reúna nossa cultura”, ressalta Janete. Ela acredita que a revitalização trará muitos benefícios para todos. “Deveria ter um comércio com a cara da Ilha, porque atualmente não temos isso”, ressalta Janete.

De acordo com o secretário de Administração de Florianópolis, Gustavo Miroski, responsável pelo processo de licitação, a reestruturação do Mercado Público foi realizada para se adequar a uma nova gama de serviços. “O baixo número de vencedores da primeira etapa, em 2010, se deu devido às condições do trâmite ficarem paradas. Foi lançada uma nova licitação para os boxes restantes. Ficarão 43 boxes na Ala Norte, uma pequena alteração no leque de serviços, melhor adequando a ideia de Mercado Público, e das 50 lojas de calçados serão reduzidos para seis”, revela Miroski.

Os novos serviços serão: cacharia e petiscaria, peixaria especializada em bacalhau, artesanatos, chaveiro, sapateiros, costureiras, produtos orgânicos, empório de vinhos, bebidas e produtos artesanais, como produtos catarinenses, mel, doce, geleias em conserva, empório de laticínios, cervejas artesanais, cafeterias, li-

varias, entre outros.

“Todo comerciante deverá investir no seu negócio. Será nomeada uma curadoria para aprovação dos projetos apresentados. Todos eles deverão falar da nova realidade comercial do Mercado Público para recuperar as características de origens culturais”, ressalta Miroski.

Em 2005, um incêndio com uma fritadeira elétrica com óleo vegetal destruiu parcialmente a Ala Norte. A Ala precisou ser reconstruída e readequada. Miroski ressalta a importância de uma melhor fiscalização para que casos como este não voltem a acontecer. “O que queremos agora é fiscalizar. Será aplicada multa em caso de não cumprimento das normas. Desde o uso dos espaços até a chegada de caminhões, tudo será de maneira regulada e com regimento interno”, reintera Gustavo.

Segundo a administração da Prefeitura, até o final de outubro os comerciantes da Ala Norte devem sair do local para se adequar ao novo formato. Os vencedores da 1ª licitação começam a efetuar as melhorias dos seus espaços, com previsão de três meses para reabrir a Ala Norte já para a temporada 2013/2014. A Ala Sul tem problemas estruturais maiores. Não está adequada à nova proposta, serão refeitas as paredes e a preventiva de incêndio deve ser recuperada. A reforma será dividida em quatro quadrantes, e, à medida que o primeiro quadrante for terminado, começam os outros. De acordo com Administração, a ideia é deixar sempre as peixarias funcionando.

Outra novidade é um auditório e uma sala de atos oficiais da prefeitura. O Mercado também terá um centro de informações turísticas e quatro boxes serão destinados a entidades filantrópicas para venda de produtos. Convênios com a APAE, Associação de Rendeiras e dois espaços - um pro IGEOP (Instituto de Geração de Oportunidade de Florianópolis) e outro do Sebrae serão instalados para ofertar capacitação aos comerciantes.

Daniel Lemes
jordanlemes@gmail.com



Seu Aurino comprou o açougue com dinheiro que ganhou na loteria e hoje precisa deixar seu local de trabalho

O churrasco que ficou na memória

“Quando cheguei no Mercado Público, a água do mar batia aqui atrás. Era completamente diferente de hoje. A rua era de barro, as canoas largavam peixe ao lado”, relembra Aurino Manoel dos Santos, de 66 anos, 53 dedicados ao ofício de comerciante no Mercado. Seu Aurino - como prefere ser chamado - recebe a equipe do ZERO sentado em uma mesa atrás do seu estabelecimento, na calçada. O Açougue Aurino fica localizado nos boxes 2 e 3. Em 1967, Seu Aurino ganhou 12 milhões e meio de cruzeiros na loteria. Com o dinheiro, comprou o açougue. “Naquela época era um balcãozinho de mármore e de granito. Só vendia carne de boi, de porco e assim a gente ia sobrevivendo. Não tinha geladeira, não tinha nada. Entre 10 ou 11 horas da manhã, já tínhamos que ir embora”, relembra Aurino.

Acostumado com a rotina de atender e trabalhar com clientes satisfeitos,

“Vem alguém com mais dinheiro e compra o ponto, eu que tenho história, tenho que sair”

Aurino Santos

Seu Aurino diz que chega ao Mercado diariamente às 6h da manhã. Se casou, teve filhos e tem orgulho de dizer que construiu a família no Mercado Público da capital. Atualmente, os dois filhos trabalham com ele. Quando começou, lembra que eram 14 açougues e que hoje só estão dois. Porém, a rotina do açougueiro experiente será alterada. O comerciante não deu lance no processo de licitação e deverá sair do local no até o fim do ano.

“Acredito que a reforma dará uma

boa melhorada. Só tem mais uma vaga para açougue. Na licitação, eram dois. Um já foi contemplado e agora nós vamos tentar concorrer no próximo, mas é complicado”, diz Santos.

Quando questionado sobre uma história que o marcou nas alamedas do Mercado, olha para o horizonte, aponta para o centenário ponto comercial e diz: “Quando completei 40 anos de Mercado, assei um boi lá no meio. Prometi para os meus amigos e cumprir”, afirma Santos.

Outra lembrança que tem orgulho de contar que ganhou um prêmio pelo atendimento aos clientes. “Ganhei o troféu Manézinho da Ilha aqui dentro. Então, fico triste de deixar tudo isso para trás. Porque vem alguém com mais dinheiro do que eu, compra um ponto, e eu, que já tenho uma história aqui dentro, terei que sair com uma mão na frente e outra atrás”, diz Aurino.

MAIS DE UM SÉCULO NA ILHA

1838	1845	1851	1899	1931	1932	1988	2005	2011	2013
O governo da província autorizou a construção de uma Praça de Mercado, que deveria ficar entre as ruas Livramento e Ouvidor, em um local de terreno de marinha, fora do Largo da Matriz.	A visita de Dom Pedro II e do Bispo do Rio de Janeiro levou a Câmara de Desterro a aprovar a mudança de lugar das barracas e quitandas. O centro urbano foi higienizado, e as barracas foram removidas para fora do perímetro urbano.	O primeiro prédio do Mercado Público foi construído. Situava-se ao sul do Largo da Matriz, próximo ao mar.	O mercado foi transferido para a localização atual, na época também à beira-mar, possuindo apenas uma ala.	A segunda ala foi construída sobre um aterro, assim como as pontes de ligação e o vão central.	O conjunto arquitetônico tem a sua configuração atual desde esta data, com a reinauguração da primeira ala.	O mercado sofre um incêndio ocasionado por um vazamento de gás, durante um processo de reforma.	Uma fritadeira elétrica com óleo vegetal deu início à queima de toda a ala norte do Mercado Público de Florianópolis. Não foi possível salvar a ala, que foi reformada por um consórcio entre a prefeitura e o governo do estado e está em uso novamente.	O Ministério Público junto ao Tribunal de Contas do Estado apontou irregularidades no processo, como o valor cobrado pelos aluguéis dos boxes.	Prazo dado pela prefeitura de Florianópolis para a divulgação do vencedor do concurso para cobertura do vão central. O valor estimado da reforma é de R\$ 7 milhões.

Inovação

Florianópolis lidera ranking de novas empresas em SC

Cerca de 40 mil empreendimentos surgiram em menos de dois anos



As incubadoras são iniciativas que disponibilizam o suporte tecnológico que é necessário para o desenvolvimento de novos empreendimentos

Seja pelo fácil acesso à informação ou pela economia favorável, o fato é que Florianópolis está se consolidando no cenário nacional como um polo empreendedor. A capital lidera o ranking catarinense de novas empresas, com cerca de 40 mil empreendimentos que saíram do papel durante o período de janeiro de 2012 a agosto de 2013, segundo o estudo "Perfil das Empresas e Entidades Brasileiras 2012". No segmento de tecnologia, a situação parece ser ainda mais favorável: a cidade conta com cerca de 600 empresas de software, hardware e serviços de tecnologia, que no ano passado atingiram juntas R\$ 1 bilhão de faturamento, colocando o setor em primeiro lugar no ranking de arrecadação municipal, ultrapassando até o turismo.

Com o mercado aberto principalmente pelas empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação, tanto iniciativas públicas, como privadas, começaram a investir nesses negócios promissores. Além das incubadoras com base tecnológica que já existiam na cidade, com o intuito de abrigar empresas em fase inicial e oferecer suporte para que se desenvolvessem, outras iniciativas para diferentes setores foram realizadas. Uma delas é a Whapp, que oferece espaço, mentoria e toda a estrutura necessária para uma startup – empresas geralmente em fases iniciais, preocupadas em inovar e com modelo de negócio próprio.

Elton Miranda, um dos sócios do local e gestor da Associação Brasileira de Startups em Santa Catarina, acredita que o terreno é fértil para quem quer empreender. "Hoje, com menos de R\$ 500 por mês, empreendedores de qualquer área podem ter seu próprio espaço para começar", afirma. Ele também administra um dos três locais de coworking que existem na cidade – lugares nos quais diversos profissionais, de diferentes empresas, alugam espaços para desenvolver seus trabalhos. "O que o empreendedor precisa é força de vontade. A maçã está ali, é só alcançar", completa.

São justa-

Tecnologia e setor de comunicação são as áreas que mais crescem em Santa Catarina

mente esses estímulos que estão criando um novo perfil de empreendedores em Florianópolis: jovens, muitas vezes recém-saídos da universidade. É o caso de Emília Chagas, jornalista e cofundadora da Tex.do, startup que produz textos de marketing de conteúdo, conectando empresas a seus clientes. Seis anos após se formar, ela uniu a paixão por gerar conteúdo a uma oportunidade de mercado, procurou uma incubadora e há um ano oferece soluções através de conteúdos sob demanda para dezenas de pequenas e médias empresas brasileiras.

Em Santa Catarina, até início do mês de setembro, mais de 1 milhão de empresas foram criadas no país, segundo dados divulgados por empresas e pelos órgãos responsáveis, como as Secretarias da Fazenda e de Finanças e o Ministério do Desenvolvimento. O resultado foi divulgado pelo "Empresômetro", similar ao "Impostômetro", que contabiliza os impostos arrecadados pelo governo, ambos projetos do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário. No mesmo período, Santa Catarina ocupa a sétima posição entre

os estados brasileiros que contabilizaram o maior número de novas empresas, com a abertura de 41 mil negócios.

Para manter o alto desempenho, o Conselho Estadual do Jovem Empreendedor de Santa Catarina (Cejesc) oferece diversos serviços que buscam melhorar a capacitação profissional dos jovens. O Conselho atua em 50 municípios e conta com a participação de mil empreendedores, com idade entre 20 e 40 anos. Os negócios variam do setor de serviço, comércio, indústria e agrobusiness. "Temos como foco atuar em quatro grandes pilares, além da capacitação, o fomento ao empreendedorismo, relacionamento e representatividade. Buscamos incentivar e inspirar cada vez mais jovens empreendedores a se tornarem empresários e este ano conseguimos realizar a 1ª semana do jovem empreendedor catarinense, juntamente com a Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina, o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas) e a Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Governo do Estado. Foram organizados seminários em 12 cidades com a temática: O jovem empreendedor e a nova economia", comenta Marcelo Noronha, presidente do Cejesc.

Fernanda Costa
fernandarvcosta@gmail.com
Natália Porto
natirporto@gmail.com

CARREIRAS COMEÇAM NA GRADUAÇÃO

Muitos empresários começaram a se deparar com o mundo dos negócios desde cedo, na universidade. O Movimento Empresa Júnior (MEJ), criado em 1967 por um estudante francês, foi o ponto de partida para que diversos jovens unissem a teoria, aprendida em aula, com a prática empresarial.

A Brasil Júnior (BJ) é a Confederação Brasileira de Empresas Juniores e responsável por auxiliar as federações estaduais. Uma delas é a Federação das Empresas Juniores do Estado de Santa Catarina (Fejesc), fundada em 1994 e que conta com aproximadamente 350 estudantes envolvidos nas 17 empresas federadas.

O administrador Diego Calegari passou por essas três instâncias do Movimento Empresa Júnior enquanto estava na faculdade: empresa júnior de Administração da UFSC, Fejesc e Brasil Júnior, tornando-se presidente em todas as ocasiões. "Foi a melhor oportunidade que poderia ter aos 17 anos".

Ele afirma que a experiência foi essencial para os cargos que ocupa, de diretor na Voe Gestão de Ideias e na Veterana, primeira agência de marketing universitário do Sul do país da qual é cofundador. "Foi no MEJ que desenvolvi minhas competências técnicas e também meu lado pessoal, como o autoconhecimento e a autocrítica", conta.

Para Noronha, este é um bom momento para empreender. "Nos últimos cinco anos, a taxa de mortalidade das empresas vem caindo drasticamente por dois fatores: acesso à informação e a economia mais favorável para empreender. Antes tínhamos um ambiente hostil de inflação, baixo índice de tecnologia e infraestrutura de comunicação. Hoje, uma empresa pode funcionar somente com um notebook ou no celular de uma pessoa". Apesar das dificuldades, o presidente do Cejesc destaca que o mais importante aos novos empreendedores "é ter determinação, foco e persistência."

Fernanda Costa/Zélio



Comunicação em Cores

Autistas se expressam com arteterapia

Tratamento estimula o inconsciente e a criatividade sem se preocupar com a estética da obra

Daphne Schmitt foi diagnosticada aos dois anos de idade com autismo e hoje, aos 17 anos, ainda não consegue se comunicar perfeitamente através da fala. A adolescente encontrou sua voz na pintura, sua mãe, Marlis Schmitt, conta que a arteterapia proporcionou a menina uma comunicação com o mundo. "Com o tempo vimos mudanças de comportamento na Daphne, a ansiedade diminuiu, aumentou a paciência, ela ficou mais animada e começou a sentir um prazer enorme ao pintar."

Na Grécia Antiga os doentes se reuniam em centros de cura e recebiam tratamento através da prática artística, intervenções divinas e assistiam a apresentações musicais e teatrais. O médico Jung escreveu, no século XX, que a arte é parte fundamental do tratamento psicoterápico. Para ele, as imagens são uma forma de simbolização do inconsciente e essas podem ser representadas por esculturas, pinturas, desenhos e outras manifestações da imaginação.

A arteterapia começou a ser pesquisada e entendida como terapia apenas no século 19, a professora Otília de Souza, vice-presidente da União Brasileira das Associações de Arteterapia, escreve "A arteterapia é



Os quadros são a forma que Daphne Schmitt encontrou de se comunicar e desenvolver suas habilidades

o uso da arte como base de um processo terapêutico que visa estimular o crescimento interior, abrir novos horizontes e ampliar a consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência".

A terapeuta Kathia Hak, que atende em Florianópolis, explica que quando recebe um paciente não desassocia as partes, "trabalho com o inconsciente, aquilo que às vezes conscientemente a pessoa não entende. No caso do

autista mais ainda, através da arte ele consegue comunicar seu mundo, mostrar o que acontece na sua alma".

O atendimento é individualizado, Hak conta que "não basta simplesmente criar a arte, existe um trabalho

de análise após o exercício. Enquanto ele é produzido eu converso com a pessoa, faço questionamentos, mas de forma alguma o censuro. A preocupação não é estética".

Sobre o tratamento de Daphne, a mãe conta que a família não procurou a arteterapia especificamente, foi uma descoberta feita pela clínica em que a menina é atendida. "Durante as sessões descobriram que a Daphne gostava de pintar. No início, ela pintava apenas em um lugar da folha, com o passar do tempo passou a pintar numa área maior e começou a fazer novas experiências com pincéis de diferentes larguras e formatos." Com o tratamento Daphne ganhou mais autonomia, "ela aumentou o seu deslocamento dentro da clínica, vai lavar o pincel e os potes de tinta na cozinha, sem pedir que alguém vá junto. Está comunicando mais o que quer".

Confiante de que Daphne possui um dom para a pintura, a psicopedagoga mostrou as pinturas da menina ao curador de exposições do Teatro Carlos Gomes, de Blumenau, que ficou impressionado e perguntou se a família não gostaria de exibir as obras junto à de outros artistas. A exposição aconteceu nos dias 11 e 12 de agosto.

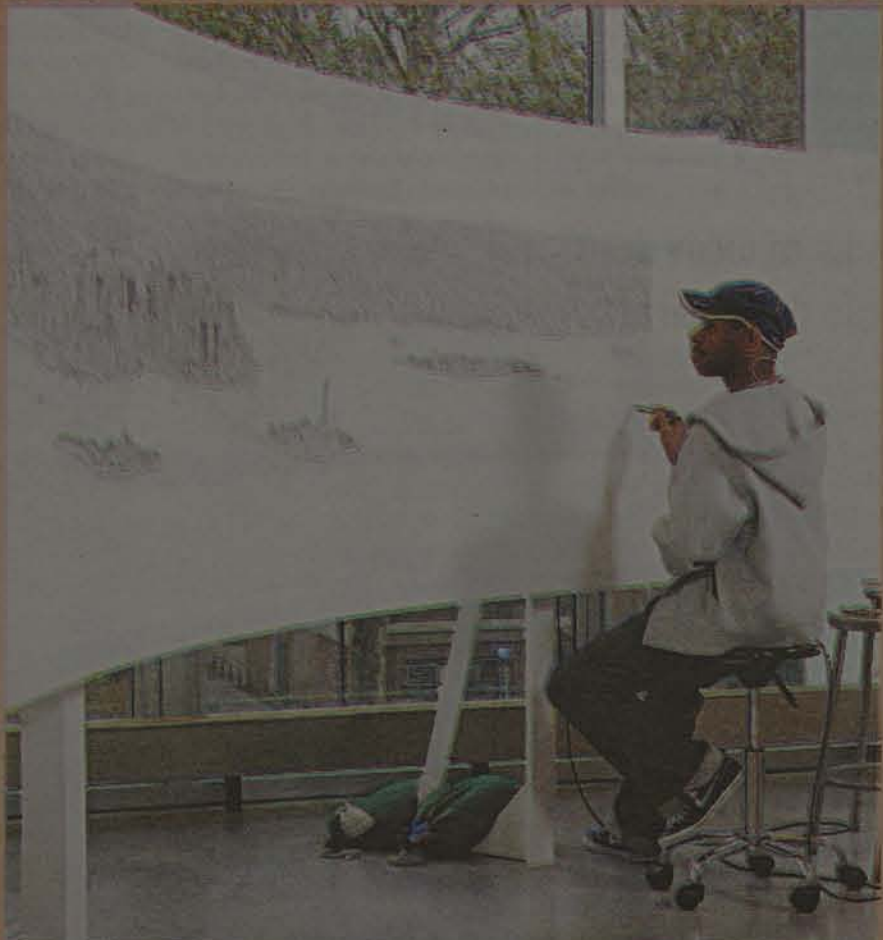
Sophia Rischbieter
sophia@rischbieter.com.br

Stephen conquistou reconhecimento com desenhos

Diagnosticado aos três anos de idade com autismo, Stephen Wiltshire é famoso por seus desenhos extremamente detalhados de cidades como Nova York, Tóquio e Londres. Dono de uma memória fotográfica, o artista consegue reproduzir com muita perfeição tudo o que vê. Em 2011, como reconhecimento ao seu talento, foi convidado para ser membro honorário da Sociedade de Ilustração Arquitetural.

Por causa da deficiência, quando criança, Stephen não conseguia se comunicar e se relacionar com as pessoas. Aos cinco anos de idade, foi matriculado na Queensmill School, em Londres, e descobriu seu talento com o desenho. Apenas aos nove anos o artista desenvolveu a fala por completo. A irmã Nathalie conta no vídeo da campanha We will not rest que "Desenhar é para o Stephen como água e o ar são para gente. Cada coisa que ele vê ganha vida no papel".

Reconhecido mundialmente, já tendo participado de documentários, como Beautiful Minds, e da campanha da UBS We will not rest, em que foi feito um vídeo com o processo de produção de um painel de 5 metros com a cidade de Nova York desenhada, Stephen Wiltshire construiu uma carreira de sucesso. Hoje ele possui uma galeria de arte em Londres, The Stephen Wiltshire Gallery, onde expõe seus trabalhos e vende cópias de seus desenhos. Diretamente de Londres, seu assessor, Zoltan Szipola, conversou com o Zero e disse que o artista está sempre viajando em busca de novos desafios, sua última criação foi uma pintura com visão 360° de uma cidade imaginária. (SR)



Artista é dono da The Stephen Wiltshire Gallery, em Londres, onde expõe seu trabalho

Profissionais são reconhecidos por Ministério

No início deste ano, a descrição do trabalho dos profissionais das terapias criativas e equoterápicas foi adicionada a Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego. O documento define que Arteterapeutas, Musicoterapeutas e Equoterapeuta desenvolvem "Programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida e exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas e trabalhos específicos".

A pesquisadora, Luana Wedekin, reforça a importância de tal conquista para a categoria. "Esse é o primeiro passo para a futura regulamentação da profissão, que depende de aprovação de projeto no legislativo, e que exigiria profissionais realmente qualificados, formação de conselho de classe, responsabilidade e comprometimento técnico e que ampliaria também as possibilidades para concursos públicos no SUS." (SR)

Prevenindo acidentes

Parceria pela segurança no trânsito

Iniciativa criada por ciclistas propõe troca de papéis para conscientizar motoristas de ônibus

“Os ônibus costumam vir com tudo. A questão é que eles não estão passando do lado de uma árvore, de um poste. Eles estão passando do lado de uma pessoa”, disse a estudante Renata Bassani, referindo-se às dificuldades e os riscos que sente ao sair como ciclista e compartilhar as vias de trânsito com o transporte coletivo. Tendo como propósito a melhoria da convivência entre motoristas de ônibus e ciclistas, o projeto *Respeito sobre Rodas – Compartilhe seu Caminho* foi desenvolvido no norte da Ilha de Florianópolis, pelos triatletas Fernando Palhares, Maurício Coelho e Cícero de Bem, juntamente com a empresa Canasvieiras Transportes. As ações realizadas reuniram 350 motoristas e 70 ciclistas, que trocaram de papéis durante o treinamento.

Em uma bicicleta fixada ao solo, os motoristas experimentaram a sensação de um ônibus passar bem próximo a eles. “Eu me senti na pele do ciclista, a sensação é de que ia cair. Ainda que nesta experiência, o ônibus passou a 30 Km/h e eu estava preso. Imagina o frio na barriga do ciclista quando o ônibus vem com tudo a 80 km/h, por exemplo. A gente tem que ter cuidado a todo momento”, comenta o motorista Sandro Miranda da Silva, que dirige ônibus há 5 anos.

O projeto também teve uma abordagem teórica, quando foram passadas informações como as leis de trânsito e a importância de se manter a distância de 1,5m entre o transporte coletivo e os ciclistas. “O risco inerente ao compartilhamento



Sandro da Silva, motorista há 5 anos, experimenta a sensação do ônibus passando próximo da bicicleta



Vídeo feito por ciclista denuncia ultrapassagem a menos de 1,5m

das vias, a falta de cordialidade no trânsito e a disparidade de forças entre bicicletas e ônibus sempre foram assuntos de nossas preocupações, como ciclistas, e isso ficou ainda mais evidenciado após a divulgação

nas redes sociais de alguns vídeos filmados por atletas em treinamento que denunciavam os riscos decorrentes da condução inadequada de alguns motoristas de ônibus”, explica Maurício Coelho, um dos ciclistas

foi marcado pela bicicleta branca, do movimento Ghost Bike, instalada no local, como forma de alerta e protesto da população – com isso, Florianópolis se tornou a segunda cidade brasileira com maior número de bicicletas fantasmas, perdendo apenas para São Paulo. “Se a engenharia da mobilidade não for bem projetada na SC-403, nos Ingleses, como é a regra em nossa cidade, haverá muitos riscos aos ciclistas nela também.”, conclui Fabiano.

A voluntária Mayra Cajueiro-Warren do movimento Bike Angel – conhecido por incentivar a utilização de bicicletas com meio de transporte – acredita que novos aci-

Motoristas experimentam a sensação de um ônibus passar bem próximo a eles

identes podem ser evitados se houver a conscientização das pessoas. “Além da necessidade de termos mais cicloviáveis, é preciso que mais motoristas pedalem, pra sentir na pele como é. Raramente o motorista ultrapassa um ciclista como ultrapassaria um outro carro, ou uma moto. Muitos motoristas também têm pouca noção de espaço e não sabem o quanto perto eles estão dos ciclistas e o quanto isso os assusta”.

Maria Luiza Buriham

marialuizaburiham@gmail.com.br

Cartilhas e banners divulgam dicas de cuidados para a prevenção de acidentes

O projeto *Respeito sobre Rodas – Compartilhe seu Caminho*, criado por triatletas da capital, resultou na produção de materiais sobre boas condutas a serem seguidas nas ruas. O intuito é buscar mudanças de comportamento para evitar que novas tragédias aconteçam.


Fixados nos terminais urbanos, banners divulgam os pontos onde o compartilhamento entre bicicletas, carros e coletivos exigem maior atenção dos condutores.

Outro material criado pelos idealizadores do projeto é a *Cartilha de Convivência entre Ciclistas e Motoristas de Ônibus*. Também distribuídos nos terminais,







ela traz orientações, não só direcionadas aos motoristas de ônibus, como também aos usuários de bicicletas, entre elas a importância da comunicação por sinais.

Para a administradora Ana Dantas, que acompanhou a execução do projeto e pedala duas vezes por semana, já houve algumas mudanças de atitudes. “Em situações de encontro que não envolvem riscos, os ciclistas e motoristas de ônibus adquiriram o hábito de se cumprimentar, um com um aceno de mão e o outro com uma leve buzina. Afinal, nos treinamentos a frase ‘gentileza gera gentileza’ foi constantemente aplicada.”

Reprodução de arte de Cícero Braz de Bem



CONHEÇA OS SINAIS E FAÇA DA COMUNICAÇÃO UM ACESSÓRIO DE SEGURANÇA.

 OBSTÁCULO NO CHÃO - DIREITA Objeto, caro de vidro, buraco, etc. Do lado direito = braço direito para baixo com o dedo indicador apontando para baixo.	 OBSTÁCULO NO CHÃO - ESQUERDA Objeto, caro de vidro, buraco, etc. Do lado esquerdo = braço esquerdo para baixo com o dedo indicador apontando para baixo.
 CONVERSÃO OU MUDANÇA DE FAIXA À ESQUERDA Por exemplo: do acostamento para a pista = braço esquerdo esticado na horizontal.	 CONVERSÃO OU MUDANÇA DE FAIXA À DIREITA Por exemplo: da pista para o acostamento = braço direito esticado na horizontal.
 PARAR Braço esticado para cima com a mão espalmada.	 CICLISTA DE TRÁS PERMANEÇA ATRÁS DO CICLISTA DA FRENTE Para sinalizar por exemplo que há um pedestre ou veículo no acostamento, ou ainda para ultrapassar um ciclista à frente = braço esticado para trás sinalizando com a mão o alinhamento junto à bicicleta.

Sentença vitalícia

Falta de políticas de inclusão mantém ex-presos à margem

Histórias como de Leandro e Victor são recorrentes

Leandro e Victor são primos e carregam uma história parecida: ambos têm uma passagem pela prisão em seu currículo, que ocorreu antes mesmo de completarem vinte anos de idade.

Leandro foi detido pela primeira vez após ser flagrado furtando chocolates em um supermercado. Desta vez foi fácil sair da cadeia, sua mãe foi buscá-lo e não se falou mais no assunto. Já não frequentava mais a escola, cometeu outros pequenos delitos que não foram descobertos ou punidos, mas foi o envolvimento com o consumo e o tráfico de drogas que o levaram à cadeia novamente.

A situação era mais séria e Leandro conheceu a realidade de um presídio, o mesmo onde seu pai esteve preso anos antes em decorrência do mesmo ato criminal. Foi seu pai quem lhe mostrou uma plantação de maconha pela primeira vez e na cadeia, Leandro era reconhecido e até respeitado pelos outros presos por ser o 'filho do Germano', o que achava 'bem legal'.

Ao sair da cadeia, não tinha uma profissão e também não voltou a estudar. Vez ou outra consegue algum

trabalho como soldador, ofício que acabou aprendendo após trabalhar na oficina mecânica de seu tio. Não está livre do vício em drogas e de forma recorrente, a família precisa socorrê-lo em suas crises.

Nunca teve um emprego formal, nunca usufruiu de direitos trabalhistas e jamais se adaptou às estruturas tradicionais da sociedade. Sua história está irremediavelmente marcada por

Ao sair da cadeia, Leandro não tinha uma profissão e também não voltou a estudar

seus crimes e não sabe de que forma poderia voltar a ter o que se considera uma vida normal.

Victor, em sua adolescência, exibiu-se com o fato de não ter nenhuma obrigação: 'não preciso trabalhar e nem ir para a aula, posso fazer o que eu quiser'. Ele optou, então, pelo tráfico de drogas como forma de ganhar dinheiro, aos 15 anos.

Certo dia, sua mãe ligou para a polícia, denunciou a situação e todas as providências foram tomadas para que fosse realizada sua internação em um Centro de Atendimento Socioeducativo, como menor infrator.

Apesar de o projeto destes centros de atendimento ser voltado à recuperação dos adolescentes, com aplicação de uma rotina diferente da cadeia, Victor conta que foi a pior experiência da sua vida. Sentia-se muito sozinho e inseguro.

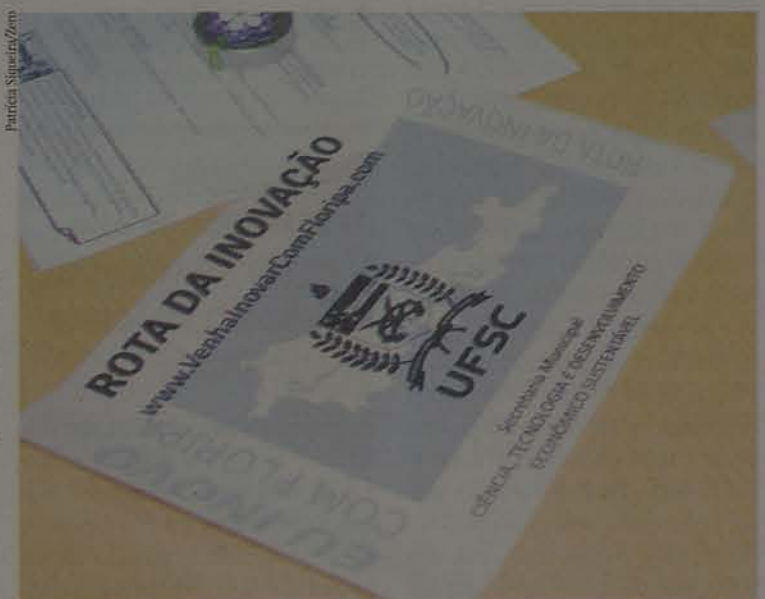
Após cumprir o seu período de reclusão, voltou para a casa da mãe e passou a trabalhar na mesma oficina mecânica que empregou Leandro, onde auxiliava os trabalhos do tio. Afirma não querer se envolver com nenhum tipo de crime outra vez na vida, sente-se recuperado e não suportaria viver novamente com a mesma culpa que carregou no período em que esteve internado.

Apesar disso, a educação foi deixada de lado, Victor também não voltou a estudar e nem buscou qualificação profissional.

Patrícia Siqueira
pati.siqueira@gmail.com



Oficina emprega detentos na confecção e na estampa de camisetas



Projeto de reinclusão da Pastoral Carcerária tem parceria com a UFSC

Reincidência é reflexo dos problemas

A inclusão de ex-detentos no mercado de trabalho é um desafio em nossa sociedade. Alguns incentivos foram criados com o apoio do Conselho Nacional de Justiça - CNJ em muitos estados, porém, o preconceito, a falta de escolaridade e de mão de obra qualificada são algumas barreiras enfrentadas. Hoje, somente 8% dos cerca de 500 mil detentos realizam atividade educacional no país. Segundo a última pesquisa divulgada pelo CNJ, 70% deles não conseguem emprego quando saem da prisão e retornam ao crime.

Em Florianópolis, a Penitenciária Estadual abriga 320 presos. 80% das penas são cumpridas por tráfico de drogas e o índice de reincidência é de 92%. Segundo Newton Antônio de Almeida, que trabalha na Penitenciária com a Pastoral Carcerária, o principal responsável por este índice é o Estado: "Não há



Newton: "A cadeia piora os presos"

recuperação de presos, não há incentivo financeiro para projetos de inclusão. Estas pessoas são de baixa renda, não têm formação escolar, estrutura familiar e o sistema prisional não oferece boas condições para melhora. A cadeia piora os presos".

Newton é coordenador do Pro-

jeto Estampa Livre, iniciativa criada pela Pastoral Carcerária, que emprega detentos em oficinas de confecção e estampa de camisetas dentro do presídio. Inicialmente custeado pela Associação Beneficente São Dimas, hoje o projeto é autossustentável, os trabalhadores têm renda fixa de um terço de salário mínimo, que é repassada às famílias, e recebem redução de pena, de um dia a cada três trabalhados.

De acordo com o coordenador, todos os detentos desejam trabalhar com a oficina, que emprega dez pessoas diferentes a cada ciclo. Ele afirma ainda que a transformação das que passam pelo projeto é muito grande em relação à sua valorização pessoal e comemora uma vitória: "Conseguimos recuperar as pessoas, das 130 que passaram por aqui, apenas duas voltaram ao crime quando saíram da cadeia", complementa. (P.S.)

INICIATIVAS TENTAM REMEDIAR A SITUAÇÃO

1) O Conselho Nacional de Justiça criou o Projeto Começar de Novo e oferece o Portal das Oportunidades, uma página na internet que reúne vagas de trabalho e cursos de capacitação para presos e egressos do sistema carcerário. Hoje, há mais de três mil vagas para emprego e cerca de 500 vagas para cursos.

2) Um convênio firmado entre o Ministério Público de Santa Catarina e a ACIF, realizou um projeto de auxílio e capacitação de ex-presidiários utilizando material eletrônico descartado, que é recolhido através do Projeto de Reciclagem de Lixo Eletrônico (Reciclatec) - parceria da ACIF com o Comitê de Democratização da Informática (CDI - SC).

3) Em São Paulo o programa Pró-Egresso já inseriu cerca de 14 mil

ex-detentos e adolescentes ex-internos da Fundação Casa no mercado de trabalho. São 220 empresas parceiras do programa que é coordenado pela Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho em parceria com a Secretaria da Administração Penitenciária e com a Funap (Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimenta).

4) Em Brasília, Instituto Liberty, a empresa da construção Econvia e a Prefeitura Municipal Vila Boa de Goiás/GO firmaram convênio para a capacitação e emprego de detentos na construção de 50 casas do Programa Minha Casa Minha Vida. Os detentos empregados nas obras do programa do governo federal, além de certificado de formação e remuneração, terão o tempo da pena reduzido. (P.S.)

Ensino em foco

Escolas alternativas estão em alta

Métodos pedagógicos incentivam a construção do conhecimento entre aluno e professor

O professor, dono do saber, e diversos alunos transformados em agentes passivos, educados a absorver e repetir lições. Os métodos tradicionais de ensino estão perdendo força para uma abordagem cada vez mais frequente: a das escolas que procuram se destacar com posturas pró-ativas de aprendizagem. Para a pedagoga e professora da Universidade Federal de Santa Catarina Maria Hermínia Laffin, as metodologias alternativas ajudam no desenvolvimento da criança a partir do modo como as aulas são dadas. "Juntos, professores e alunos fazem da sala de aula um ambiente onde ambos constroem o conhecimento. As disciplinas são ministradas de acordo com a necessidade de cada estudante".

Em Florianópolis existem escolas que se preocupam em oferecer pedagogias alternativas. No bairro Pantanal, o Colégio Logosófico fundamenta-se na Logosofia, conceito que se propõe a conduzir o ser humano ao autoconhecimento. Há 50 anos no Brasil, a instituição conta com oito unidades espalhadas pelo país. Rosemeire Marques é engenheira eletricista e frequentou o Colégio Logosófico de Belo Horizonte, em Minas Gerais. "O grande diferencial que eu percebi estudando na instituição é a preocupação que há em estimular a mente das crianças. Desde pequena, eu passei a enxergar a escola não como um lugar onde o professor transmite suas lições, mas onde eu posso pensar por mim mesma".

A pedagoga Dani de Freitas Maia é mãe de Rosemeire, trabalhou no Colégio Logosófico durante 31 anos e seus quatro filhos estudaram na escola. "Meu objetivo era fazer com que eles aprendessem conceitos sólidos sobre a vida e sobre Deus, desvinculados de qualquer religião".

Na escola, os alunos também aprendem conceitos morais como o da "casa mental", analogia que propõe o entendimento da mente como uma casa, que deve ser protegida dos pensamentos negativos. "Na casinha mental eu guardo somente coisas boas, como o papai e a mamãe. As ruins eu deixo de fora. Quando algum pensamento ruim tenta entrar, eu pego a chave e tranco a portinha", conta uma aluna de cinco anos.

Segundo a coordenadora pedagógica Karine Moretto Marques, o que faz com que os pais matriculem seus filhos no Colégio Logosófico é a abordagem educacional da instituição. Túlio Falconi da Gama Leite começou a pesquisar sobre o método, gostou



O Colégio Logosófico de Florianópolis, no bairro Pantanal, defende a integração do currículo convencional com a busca do autoconhecimento

Pedagogia freiriana prega fim do sistema de ensino tecnicista e alienante

da proposta e decidiu matricular sua filha na escola. "Um dia, eu e minha esposa estávamos preocupados com alguns problemas e a nossa menina disse assim: 'calma, amanhã vai ser melhor que hoje'. Foi impressionante ouvir essas palavras de uma criança. Então, percebi que a pedagogia logosófica já estava rendendo frutos".

Remember to speak English all the time. É com essa mensagem que a Escola Internacional de Florianópolis (EIF), localizada no bairro Trindade, revela a que veio. Ter aulas de Ciências, História, Geografia no idioma inglês parece distante da realidade de ensino no Brasil. Mas na EIF, desde os dois anos de idade, os alunos são inseridos no método de ensino bilíngue. Arthur Eeal, de 12 anos, estuda na escola desde os três e fala inglês fluentemente. "Tenho certeza que o idioma me ajudará muito quando eu for adulto, porque será mais fácil ter um bom emprego sabendo outra língua".

Para a coordenadora geral, Eliane Saturnino de Britto, a Escola Internacional de Florianópolis surgiu como um diferencial de ensino. "O carro-chefe é a alternativa bilíngue, pois também valorizamos a língua materna. Desde que começam os estudos, nossas crianças criam o hábito

de pensar em inglês e a valorizar a cultura nacional".

Além da imersão no inglês, a instituição oferece aulas de ética. Na disciplina, as crianças são ensinadas a se comportar em sociedade e a respeitar os colegas. "Nós educamos dando exemplo. Não formamos apenas bilíngues, mas seres humanos", diz a assistente de coordenação Cinthia Cascaes de Almeida, que trabalha no colégio há cinco anos.

Em São José, no bairro Kobrasol, o colégio Paulo Freire se baseia na filosofia do patrono da educação brasileira, que dá nome à escola. "Procuramos estabelecer uma relação de comprometimento e confiança com os jovens, porque acreditamos que, dessa forma, eles se tornarão seres questionadores", explica o assistente de direção Marcos Cunico. Dentre os objetivos da prática freiriana está o de estimular a reflexão do estudante, pondo fim ao sistema tecnicista e alienante.

O colégio, antes chamado Alpha Objetivo Júnior, já utilizava os conhecimentos de Paulo Freire e, por isso, os proprietários decidiram mudar o nome da instituição, em 2009. No mesmo ano, a esposa do educador, Anita Freire, esteve na escola. "Ela percebeu que os alunos daqui são felizes e, ao mesmo tempo, seres críticos. Tudo isso faz parte da filosofia freiriana. É sinal de que estamos cumprindo nosso papel enquanto professores", afirma a diretora pedagógica Adriana Pereira de Macedo.

Vanessa Farias
vanessa.fs.93@gmail.com



Colégio de Aplicação estimula elaboração de projetos de trabalho

Rede pública também adota postura participativa na educação

No ensino público também há escolas que adotam pedagogias de ensino alternativas. A partir da criação de projetos de trabalho, o Colégio de Aplicação de Florianópolis utiliza os conhecimentos que os alunos já possuem para realizar atividades articuladas com as disciplinas do currículo.

Adriana da Costa é professora do 1º ano do ensino fundamental e faz parte do grupo SAPECA (Saberes e Práticas Escolares em Educação), que existe há mais de uma década. "Os professores organizam as atividades com a ajuda das crianças, pois elas são as responsáveis pelos projetos. Assim, os alunos saem da rotina

escolar e passam a elaborar conceitos e a se envolver com o trabalho". Antes da criação de uma metodologia que fizesse com que os alunos se interessassem mais pelas disciplinas, os professores do colégio sentiam a necessidade de ter um grupo que utilizassem tarefas pedagógicas, saindo do ambiente comum da sala de aula. Aos poucos, os profissionais estabeleceram equipes para a formação das atividades que existem até hoje. "Nossos alunos passaram a ter mais responsabilidade, porque sabem do compromisso que possuem com os colegas e entendem que só há um bom trabalho se todos estão em sintonia", diz a professora Adriana.

Acessibilidade

Demora e alto custo dificultam produção de livros em braille

E-books ajudam, mas não substituem leitura de contato

A pedagoga Marcilene Aparecida Chaves conta que o cheiro de livreria a atrai. Cega desde que nasceu, ela não procura mais por exemplares em braille nas prateleiras das lojas. Sabe que versões adaptadas são quase impossíveis de achar e a opção é buscar por livros falados ou virtuais. Mas isso, para ela, não é empecilho para a leitura. Quando não tem a versão digitalizada, leva um livro comum para casa, onde transfere página por página ao seu computador com software que converte em áudio um texto escrito. A única condição que coloca para comprar um livro em tinta é que o tema seja a 2ª Guerra Mundial. Mas, na sua biblioteca pessoal, têm exemplares de drama, romance, literatura infanto-juvenil e até do gênero erótico.

De acordo com dados do IBGE de 2010, no Brasil, mais de 6,5 milhões

Maior editora do segmento na América Latina produziu apenas 211 obras em 2012

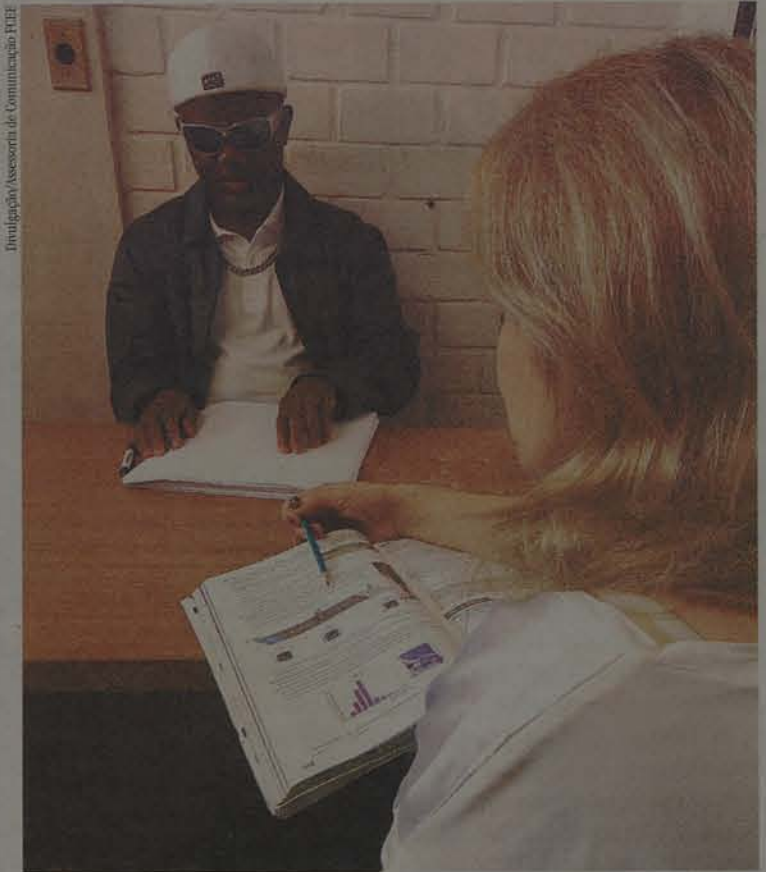
de pessoas têm alguma deficiência visual. Desse total, mais de 500 mil são incapazes de enxergar, ou seja, são classificadas como cegas. Mas, após quase dois séculos de criação do Sistema Braille, livros acessíveis ainda são caros e difíceis de encontrar. No ano passado, a Fundação Dorina Nowill, maior editora do segmento da América Latina, produziu 980 novos títulos, sendo destes, 211 em braille, 395 em áudio e 374 no formato de arquivo digital.

Para a coordenadora pedagógica da Associação Catarinense para Inte-

gração do Cego, Marcilene Aparecida Chaves, não é possível acompanhar a quantidade de lançamentos do mercado porque são poucas as editoras comerciais que fazem livros específicos para o deficiente visual, já que o custo de produção é elevado. No Centro de Apoio Pedagógico e Atendimento às Pessoas Deficientes Visuais (CAP), que produz livros acessíveis para a rede municipal e estadual de ensino de Santa Catarina, o valor médio para confeccionar cada edição em braille é de 5 mil reais. No formato Dayse, arquivo digital, o custo é de 2 mil reais. Segundo Jussara da Silva, coordenadora do CAP, isso acontece porque para se produzir um livro em braille são necessárias quatro etapas e, no mínimo, cinco profissionais.

O tempo de adaptação de uma obra também dificulta a produção em larga escala. No CAP, leva-se, em média, três meses para ser concluído o processo de transcrição para o braille. Mas, quando se tratam de livros didáticos que contenham muitas imagens, gráficos ou mapas, a duração pode chegar a um ano. Somente nos livros em áudio o tempo para a produção é menor, cerca de um mês. "Nas obras faladas ou digitais, ao mesmo tempo em que é feita a transcrição do livro, já é realizada a adaptação de imagens, tabelas e gráficos, sem a necessidade de confeccionar materiais em relevo, etapa bastante trabalhosa", explica Jussara da Silva.

Apesar de ter consciência da im-



Leitura em braille é importante para o desenvolvimento comunicacional

portância da leitura para o desenvolvimento da escrita, a pedagoga Marcilene não consegue encontrar em lugar algum os títulos que deseja ler através do tato, já que se tratam de obras técnicas ou de lançamentos do mercado. Ela conta que neste ano leu uma única obra, Dom Casmurro, de Machado de Assis, para ajudar a sua filha em um trabalho escolar.

Dividido em seis grandes volumes na linguagem acessível a deficientes visuais, a história de Bentinho e Capitu é um exemplo de que o espaço físico é mais um limitador. Uma página em tinta equivale a quatro páginas de um livro em braille, já que é impossível reduzir o tamanho dos caracteres, como acontece com fontes tipográficas tradicionais.

Para não perder o contato com a linguagem em braille, o jornalista Jean Schutz, que nasceu cego, compra duas revistas especializadas para os deficientes visuais. Ele, que comanda um programa de rádio há

dez anos em uma emissora da Grande Florianópolis, fala que gostaria de ter à disposição mais material acessível. "A leitura em braille me dá mais segurança, não só pelo contato com o papel, mas também porque, com o leitor de tela, o que se pratica é a audição. É um processo robotizado, em que você não estabelece seu próprio ritmo."

Jean destaca, também, que a produção de livros em áudio e os softwares de leitura em tela revolucionaram o mercado para o deficiente visual, mas não devem se tornar as únicas opções. "Vejo que tem muito cego que não sabe se comunicar bem porque lê pouco em braille. A leitura em tela deve ser complementar." O jornalista ainda reclama da falta de opções de livros acadêmicos em braille, já que os exemplares disponíveis nas bibliotecas são, na maioria, de literatura ou didáticos.

Jéssica Sant'Ana
jessicasantana06@hotmail.com



Adaptação de livros didáticos pode levar um ano para ser concluída

Universidades adotam políticas de inclusão

Jean Schutz ingressou no curso de Jornalismo da Unisul de Florianópolis quando ainda não existiam políticas de acessibilidade na universidade. Ele e outro rapaz que estudava Direito foram os primeiros alunos deficientes visuais a serem recebidos na instituição. O desafio foi grande mas, com a ajuda de colegas e professores, escaneava o material didático e ouvia no seu computador através do leitor de tela.

No caso de Marcilene Aparecida Chaves, o caminho foi mais difícil. Na época, graduanda em pedagogia, ela precisou da ajuda das amigas para gravar em áudio os textos que

eram trabalhados em cada disciplina. Naquele tempo, o computador era restrito a uma pequena parcela da população e não existiam softwares de leitura em tela.

Hoje, as universidades estão mais avançadas em políticas para garantir a inclusão e a permanência do deficiente visual no ensino superior. A UFSC criou, neste ano, o Núcleo de Acessibilidade e está fazendo o levantamento de quantos cegos ou pessoas com baixa visão estão regularmente matriculados na instituição. De acordo com dados da Comissão Permanente do Vestibular (COPERVE), desde 2009, 36 deficientes visuais foram aprovados para entrar na universidade.



Aluno ou professor podem encomendar adaptação de livros na UFSC

Para auxiliar na permanência destes alunos, foi atualizado o Ambiente de Acessibilidade Informacional da Biblioteca Universitária. Lá, é

feita a adaptação do material que o aluno precisa para estudar. Os pedidos podem partir do professor ou do próprio estudante. (J.S.)

Empréstimo de obras em Florianópolis

Biblioteca Pública Estadual
Rua Tenente Silveira, 343,
Centro
Exemplares: cerca de 4 mil

Biblioteca Municipal
Rua Ferreira Lima, 82, Centro
Exemplares: cerca de 200

Biblioteca Barreiro Filho
Rua Evangelista da Costa,
1.160, Estreito
Exemplares: cerca de 100

Fora do ar

Capricho reproduz padrões machistas e provoca discussões

Após polêmica, post é deletado do site da revista

Uma mulher famosa, belas pernas e a chamada para a principal matéria da revista "DIETA SEM GLÚTEN EXUGA 3KG EM 10 DIAS." Essa reportagem é para mulheres adultas, público alvo da revista, mas publicações para adolescentes seguem a mesma linha e tentam mostrar como ser uma mulher "perfeita". A revista Capricho, da editora Abril, publicou no dia 14 de agosto, na seção "Garotos Contam" o texto "Menina para namorar e menina para ficar: quais são as diferenças?" que gerou polêmica e acabou sendo retirado do ar.

Apesar de estar assinado como "Equipe Capricho", o texto foi atribuído ao "Colírio" (segundo a revista, são garotos entre 14 e 18 anos eleitos por serem "mais bonitos, fofos e talentosos do Brasil") Márcio Picolly, 17 anos, já que, ao final, ele diz para as suas seguidoras o acompanharem no Facebook e no Twitter, com um link que abre seu perfil. A reportagem entrou em contato com Picolly, que aceitou a entrevista, desde que não denegrisse a sua imagem. No entanto, não respondeu as solicitações para marcar uma data. Já a revista, por meio de sua assessora Fernanda Negrini, justifica que a seção "Garotos Contam" é para colaboradores externos expressarem sua opinião. "Após a repercussão, fizemos uma reflexão interna para ver se havia espaço para esse tipo de opinião, que existe", explica Negrini. Um fórum de discussão com as leitoras da Capricho foi criado, para saber o que elas acharam. "Decidimos agir com transparência, assumimos que erramos, de uma certa forma, e retiramos o post do ar."

O post gerou repercussão na internet, com críticas e mais de 1500 comentários enquanto permaneceu publicada no site da revista. Ligia Moraes Sena é doutoranda em saúde coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), luta pela igualdade de gênero desde a infância e criticou o texto em seu blog. Ela explica que, mesmo que tenha sido atribuído a um adolescente, não acredita que foi escrito por Picolly. "Não é porque um jovem não tenha a capacidade de escrever aquilo, mas esse texto passou por uma revisão e tem um olhar de adulto."

Sena não foi a única a reagir atra-

vés de seu blog. Natália Souza Campos escreveu que a divisão entre as meninas ditas para casar e as para namorar feita no texto é "medieval. É ridículo. É tentar, mais uma vez, forçar um padrão de comportamento ideal." Já a blogueira Nina Lemos rebate o comentário do "colírio" sobre mulheres vulgares que afirma que "quando a mulher tem corpão tem que usar roupa curta mesmo". Lemos escreveu que "a vontade é falar: QUEM TE PERGUNTOU, SEU MOLEQUE?" (A coluna completa de Picolly está ao lado)

Para Gabrielle Bittelbrun, mestre em Jornalismo que analisou em sua dissertação dez edições da revista Cláudia, o post gerou polêmica porque ficou mais explícito a exigência do autor. Ela explica que "em todos os discursos de hoje, até de revistas mais independentes, a mulher tem de seguir um modelo." A conclusão de sua pesquisa foi que, para se encaixar

"Refletimos para ver se havia espaço para esse tipo de opinião, que existe"

Negrini, assessora da Capricho

no gênero "mulher", é preciso "adotar uma certa postura de independente, moderna, magra para ser aceita na sociedade", afirma.

A Capricho tirou do ar o post do dia 14 de agosto, mas outros textos com a mesma conotação seguem publicados. Quando o site Blue Bus noticiou que o conteúdo havia sido retirado, um dos comentários chamou atenção para um outro artigo similar publicado no dia 30 de setembro de 2011 na mesma seção "Garotos Contam". Desta vez assinado, Rafaela Polo, em colaboração para o blog da revista, reuniu a opinião dos meninos via twitter e lançou a pergunta: "Quando a menina é para namorar, pegar ou largar?"

A linha de pensamento foi parecida. Para @afonso_rick (os autores foram identificados pelos seus perfis no twitter), na época com 16 anos, menina para "largar é aquele tipo de menina que só quer saber de ficar e fala muita besteira." Já @oivintinamora,

de 18 anos, pensa que "para namorar a garota tem que ser sincera, carinhosa e gostar de sair comigo e com os meus amigos." E @felipeemartins, 17, diz que "para namorar, a menina tem que ser ela mesma."

Cláudia, a revista que Bittelbrun analisou é uma publicação feminina e também reafirma padrões machistas. Ela explica que, na época de sua pesquisa, o slogan da revista era "Independente sem deixar de ser mulher", o que, segundo ela, é um contrassenso. "Se você é independente, você não precisa se definir", argumenta. E complementa "Essas publicações, ao estipularem o que é certo, um monte de coisa 'errada' fica de fora".

E, no mesmo mês em que a Capricho publicou o polêmico texto, que induzia as meninas a se encaixar em um padrão pré-estabelecido, a revista feminina TPM, da editora Trip, publicou uma edição sobre mentira, um contraste com a coluna de Picolly. Um tipo de mentira especial: aquelas dietas e fórmulas estampadas nas capas de muitas revistas. Muitas mulheres podem já ter se deixado levar por essas dicas, buscando um ideal. Porém, as promessas podem influenciar em níveis perigosos à saúde.

Em 2008, a UFSC realizou a pesquisa Insatisfação com a imagem Corporal feita por professores e alunos de pós-graduação que avaliou que 78,8% dos 256 jovens universitários do curso de Educação Física não estão satisfeitos com sua imagem corporal. S.S., de 27 anos, teve anorexia nervosa aos 16 porque se cobrava demais. Tinha o corpo mais desenvolvido que suas colegas modelos e queria ser como elas, mais magra. Chegou a pesar 49kg e tudo que lia tentava aplicar. "Por exemplo, li uma vez que chá mate emagrece e tomava litros e litros" conta.

A pesquisa constatou que, mesmo pessoas com o Índice de Massa Corporal (IMC) adequado estavam insatisfeitas com sua imagem. Uma das explicações é que "os padrões de beleza geralmente não correspondem aos padrões tidos como adequados à saúde."

Patrícia Pamplona
patipamplona3@gmail.com



Menina para namorar e menina para ficar: quais são as diferenças?

Categorias: Garotos Contam - Por Equipe Capricho, em 14/08/2013 às 11:38

Curte 15 mil | Tweetar 650 | Print

Capricho FAMOSOS • MODA • BELEZA • VIDA REAL • BLOGS • HORÓSCOPO • TESTES



A garota para namorar:

- É aquela que apoia o garoto sempre, que está sempre ao lado dele dando carinho e atenção. Ela nunca vai deixar o cara com quem ela está sozinho e ele, claro, faz isso também. Companheirismo é tudo!
- Demonstra o tempo todo que gosta do garoto de verdade
- É madura o suficiente para enfrentar os desafios de um namoro
- Tem atitude e opinião própria e não só concorda com tudo o que o cara fala
- É ciumenta, mas no limite. Ela não sufoca!



A garota para ficar:

- É aquela que só quer curtir a noite e, assim que fica com um garoto, já sai fora para ficar com outro. Assim não dá, né!
- Ela não aceita o garoto como ele é e quer mudá-lo. Isso é bad, né?
- Ela não tem um papo legal e não conversa muito
- Ela é ciumenta ao extremo e controla o cara como se ele fosse um bichinho virtual.



Ah, é se ela for vulgar demais, não rola nem pra ficar! Não estou falando da questão de roupa, pelo contrário: acho que quando a mulher tem corpão tem que usar roupa curta mesmo. Estou falando das atitudes!

Hey lindas, espero ter tirado mais uma dúvida de vocês sobre o mundo dos garotos, e lembrem-se sempre que se querem conquistar pra valer o garoto que você gosta, basta ser você mesma! Personalidade própria conta muito em um relacionamento. É isso que vai fazer você ser diferente das milhares de garotas que existem no mundo.

Não deixem de me acompanhar através da minha página no Face e do meu Twitter!

Um beijão a todas e um grande obrigado por estarem sempre interagindo comigo através dos comentários. Vocês são o grande motivo para eu vir aqui escrever no blog sempre! Até o próximo post, my cats!